

Grupo **Hombu**



Luz acesa
há trinta anos
num palco
chamado
criança





**Grupo
Hombu**

**Luz acesa
há trinta anos
num palco
chamado
criança**

**2007
1ª edição**

Copyright © 2007 Instituto Cultural Hombu

Edição >> *Grupo Hombu*

Assessoria de Conteúdo >> *Silvia Aderne*

Pesquisa >> *Thelma Nascimento & Beto Coimbra*

Textos >> *Ronaldo Mota & Cristiano Mota*

Revisão >> *Maria Helena Torres*

Coordenação de Produção >> *Mônica Behague*

Projeto Gráfico >> *Ato Gráfico*

Ilustrações (cenário e figurinos) >> *Isa Aderne e Carlos Veiga*

Imagens >> *Marcos Corrêa e Giuliano Lima*

Realização >> *Instituto Cultural Hombu*

Fotos >> *Agradecemos a Ivan Klingen, Guga Melgar, Patrick Grosner, Marcelo Magalhães, Joelson Paiva, Zé Manuel Gorgone, Gilda Wisbart, Aguinaldo Ramos, Antônio Henrique e os fotógrafos da casa Beto Coimbra, Mônica Behague, Paulo Carneiro, Thelma Nascimento e Daisy Aderne que documentaram esses trinta anos de história do Hombu.*

Todos os direitos reservados

Instituto Cultural Hombu

Rua Barata Ribeiro 391 / 602 parte

Copacabana - Rio de Janeiro



O Hombu, nesses trinta anos, agradece a muitos que de muitas maneiras ajudaram a criar espetáculos, projetos e apresentações, com seu trabalho, carinho, dedicação e amizade. Por isso a extensa lista não caberia aqui, mas ficará sempre em nossos corações.

Sumário

Apresentação

Fanny Abramovich

Amir Haddad

Oi Futuro

Grupo Hombu

O nome

Certidão de nascimento

Espetáculos

A Gaiola de Avatsiú + causo

Fala Palhaço + receita do bolo + causo

Ou Isto ou Aquilo + uma carta pra Cecília + causo

As Cinco Pontas de uma Estrela

História de Lenços e Ventos

A Comédia do Coração

A Casa da Madrinha + causo

A Zeropéia + causo

Os Diferentes + causo

...estrelas...

O Grupo Hombu e a criança

Linguagens visuais

Música

Literatura

Oficinas e trabalhos sócio-educativos

A Casa Hombu

...hombus de todos os tempos...

O Instituto Cultural Hombu

Bastidores

Créditos

Contatos

Alfabeto do HOMBUBU nos seus 30 anos !

a... Atores brincantes - Aplausos !!! APLAUSOS!

Azulzinha Andorinha Roxa, Azul e Negra
AS - CA - RÍ - A - DES!!

b... Belezura ! Bom demais !!!!

Brasilidade BAGRE MAGRO BABADOS BORDADOS
Biennale Theatre Jeunes Publics/Lyon

c... Clima poético - circense - cirandado

CADAUM E SEU JABUTI FALANTE
Criança em primeiro lugar ! CECÍLIA MEIRELES
CHICO BOLACHA *Comédia do Coração*

d... Delicadeza Delícia

Dra Periquita das Penas Coloridas
Diferentes (Os)
DRUMMOND DE ANDRADE

e... encantamento espetáculo autoral
embasbacante

escandalosa Dona da Festa - Estrela de Cinco Pontas
Estrela Humana

f... Figurinos e cenários : simplicidade e requinte

FALA PALHAÇO !
Festa Internazionale per Ragazzi /Turim/Itália
Festival Internacional de Londrina

g... *Gostosuras* Gata da Capa

GAIOLA DE AVATSIÚ
Glauca Regina e Aldo Roberto

h... humor hippe - hippe - hurra !!!!!

HERBERT DE SOUZA/ OSCAR WILDE
Histórias, histórias...que cutucam

i... Inventivo- Inesperado-

Inesquecível- *música - texto deslizando juntos.*

j... *Jornada para A Casa da Madrinha*

JOCA DO PANDEIRO E João das mil e uma namoradas

k... Kibutz KRAÔ Kombi do Alexandre

l... Lirismo- Leveza- Ludicidade-

Lombriga do Lulu / Lambe-Fogo
LYGIA BOJUNGA NUNES

m... Mágico- Maravilhento

Marina e Mariana
Muitos-pés-para-muitos-caminhos...

n... Nenhum didatismo - Nenhuma chatice -

Nenhum crime contra a criança-
Nenhum pecado contra o teatro infantil

o... OUSADIA! O mudo contador de histórias
OSARTA - Escola do Pensamento

p... PARA PÚBLICO DE QUALQUER IDADE
PAI - AÇO **PAVÃO DA TORNEIRINHA**
PAIXÃO !!! PRÊMIOS !!
Mambembe! Molière! Etc, etc, etc...

q... Qualidade mantida em 30 anos !!!

r... RIPPER -
retirantes e índios Guaranis
RITEJ- Reencontres Internacionales Theatres Enfance -
Jeunesse
Rei Metal Mau / Rouxinol romântico

s... Sto Antônio de Itabira
Semeador!!

t... Talento *Teatro infantil, só de primeiríssima*
trinta anos !!!!!
tareco-badeco *tié-sangue* trepa-trepa

u... universalidade

v... visualidade

VENTOFORTE - (*início*); *Vento da madrugada*
"VEJA-NOS" (*Hombu em idioma kraó*)
Velbinha do Nhém

w... weekend- www-
WORLD FESTIVAL OF THEATRE FOR YOUNG
AUDIENCES/NEW ORLEANS

x... xilofone, flauta, violão ...
xodó

y... Yin - Yang

z... Zanzando - ZIGUEZAGUEAR - **Zeropéia**
ZAZ-TRAZ
ZARPAR...

Fanny Abramovich
São Paulo, outubro/2007

Uma palavra me vem à cabeça quando eu quero falar do Grupo Hombu e essa palavra, talvez, esteja arraigada de significados: longevidade. Parece pouco falar – longevidade – quando você vai comemorar o aniversário de um grupo como o Hombu, mas não é pouco, não...não é pouco de maneira nenhuma. Eu tenho uma vida longa, eu sou quase um ancião de 70 anos de idade. Com a minha longevidade eu vi muitas brevidades nesse mundo. Vi muitas vidas se completarem em pouco tempo; vi muitos destinos se diluírem, se desfazerem. Vi sonhos se tornarem realidade, vi sonhos se frustrarem. De que material temos que ser feitos para não sermos deteriorados pela dificuldade, pela batalha da vida, pelos desgastes da vida? Um grupo, qualquer que seja, completar 30 anos de idade é um milagre. E ao mesmo tempo é um mistério. Assim eu fico pensando: um grupo de teatro infantil? Se para qualquer grupo já é um tempo, para um grupo de teatro infantil, então, essa longevidade é espantosa. Mas quando eu penso num grupo de teatro infantil de longevidade espantosa, eu penso em qualidade e perseverança. E aí eu seria incapaz, seríamos incapazes de pensar em longevidade para um grupo sem esses atributos. Poderia ser brevidade. Poderia ser rotatividade. Poderia ter ansiedade. Poderia ter alguma coisa. Longevidade, não. Pro Hombu é longevidade.

E me vem à cabeça as coisas que eu conheço do grupo, as pessoas do grupo, os trabalhos que eu vi. Beleza. Poesia. Musicalidade. Harmonia cênica. Profundidade de linguagem. Desarme estético. Horizontalidade. Essas são coisas de longa duração. “A vida é breve e a arte é longa”. A arte é tudo isso. Então, a vida pode ser muito breve mas o Hombu e sua arte têm vida longa. O tipo de espetáculo que eles vêm fazendo ao longo desses anos – eu me lembro desde “A Gaiola de Avatsiu”; me lembro de “A Comédia do Coração” que eu próprio desenvolvi com

o grupo - até os últimos projetos, e em todos eles vejo a marca do compromisso com a língua, com a linguagem, com a poesia, com a literatura, com a música. Nunca com nenhuma banalidade. Nunca com nenhum chavão. Os produtos poéticos que esse grupo oferece para a juventude só são possíveis, se você entender a criança como um cidadão capaz de absorver as melhores coisas que lhe são dadas e através disso crescer e se transformar, ficar melhor ainda. Então, a longevidade carrega tudo isso dentro dela porque carrega resistência, resistência sem atrito... carrega sobrevivência, sobreviver às dificuldades, permanência. O Grupo Hombu dura. Há 30 anos produzindo, há 30 anos fazendo o teatro que se propõe fazer, há 30 anos mantendo uma identidade.

O tempo todo há um estilo Hombu de teatro infantil que nunca foi imitado porque é muito pessoal. O Hombu é uma marca. "Grupo Hombu de Teatro Infantil".

Que outro grupo de teatro infantil no Brasil tem o nome com essa força? Essa também é mais uma prova da qualidade do material de que é feito esse grupo, a qualidade deste metal precioso que são as almas dos componentes do grupo Hombu ao longo de sua história. E são muitos, muitos os que vieram. Muitos os que ficaram e muitos os que passaram. Eu quero aqui homenagear a todos. E dizer que eu tive prazer em participar desta trajetória e de estarmos em muitos momentos - Tá Na Rua e Hombu - lado a lado, em nossa convivência na Lapa, endereço de nossas casas, no coração do Rio de Janeiro que nós tanto amamos. Vida ainda mais longa para o Hombu!

Amir Haddad

Doce resistência

São raros os grupos de teatro que podem comemorar três décadas de existência. Para alegria de seu público fiel, o Grupo Hombu chegou até aqui encantando gerações com um repertório pautado pela inovação e pela criatividade. Sintetizado na figura mágica de Silvia Aderne – hoje com os pés fincados também no Cirque de Soleil – o Hombu continua arriscando o novo pelo mundo.

Compromisso de primeira hora do Oi Futuro, a programação do teatro traz, permanentemente, o que de melhor – e mais inovador – é produzido para crianças e juventude. Fora desse espaço cênico, reconhecemos publicamente o bom teatro infantil através do Prêmio Zilka Salaberry. Coerente com esse papel assumido, Oi Futuro orgulha-se de participar da comemoração dos 30 anos do Grupo Hombu, símbolo de tradição e resistência no árduo ofício de desenvolver um teatro infantil de qualidade, absolutamente identificado com as tradições brasileiras.

Parabéns, Hombu! Que esta luz acesa há trinta anos, num palco chamado criança, continue iluminando – e formando – as platéias do presente e do futuro.

Maria Arlete Gonçalves

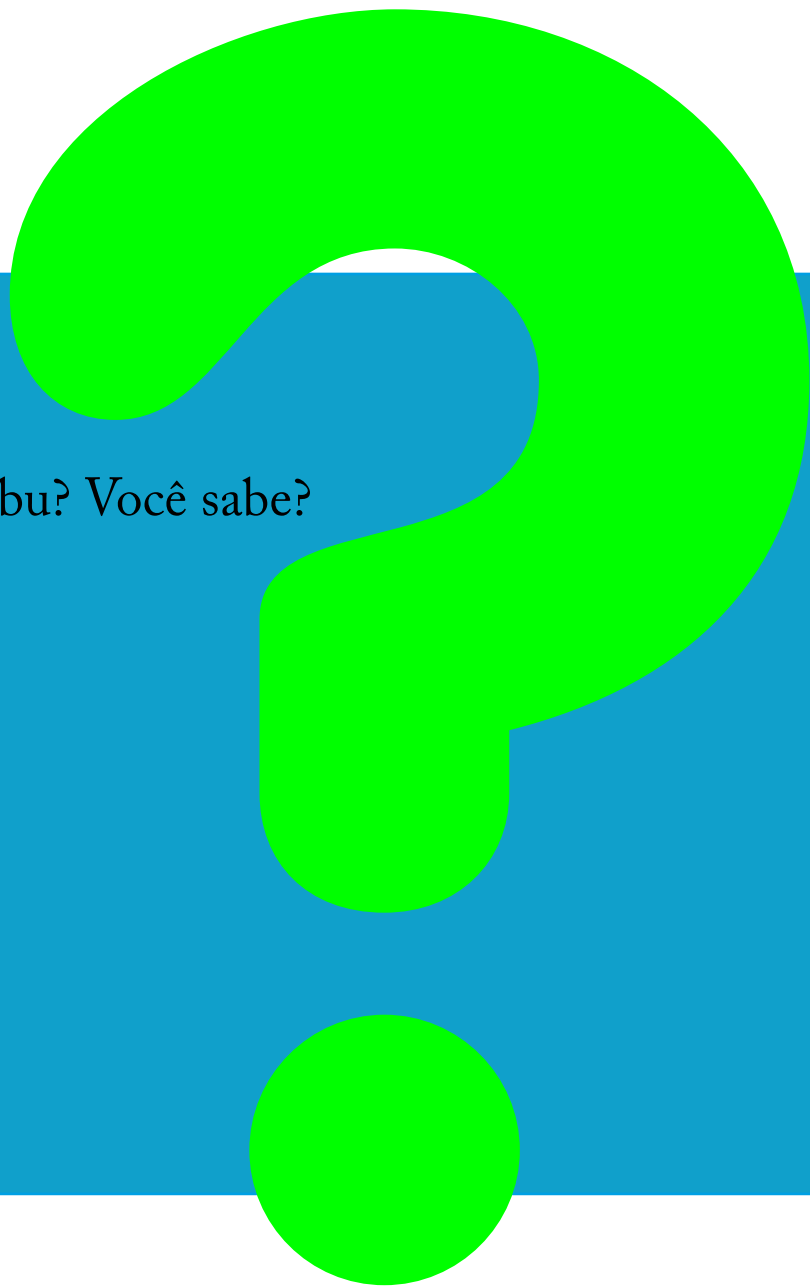
Diretora Oi Futuro

Os índios do Brasil querem ser vistos e se são da
nação Kraó dizem: HOMBUB!
Muitos meninos de nossa grande nação dizem:
VEJA-NOS antes que nossa infância se acabe!
Há trinta anos tivemos esse lampejo. O vento era
forte, as sombras eram muitas, o silêncio e o barul-
ho metiam medo. A vontade de ser livre foi maior
e os olhos e o coração viram teatro nesses índios,
nessas crianças; o palco lá dentro deles e delas onde
tudo pode ser representado e transformado.
Essa é uma pequena parte da estória dessa luz que
em nós se acendeu e com o sopro e o sonho de
muitos apresentamos aqui.

Grupo Hombu

O nome

O que é Hombu? Você sabe?



A primeira coisa a saber: o “H” é mudo, e a sílaba tônica é “bu”, senão a pronúncia é inadequada e feia.

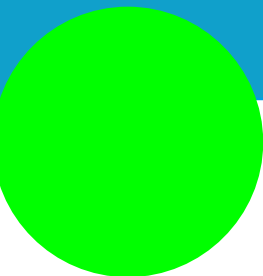
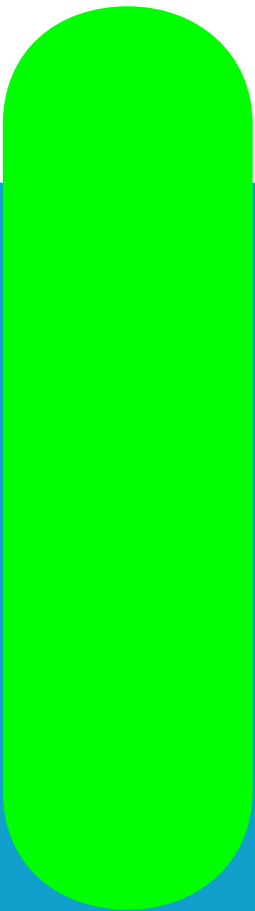
Não confundir com umbu – fruta do Norte e Nordeste – nem com hombu, que tem a mesma grafia e o mesmo som, mas é luta japonesa. Nem com o termo sueco *ombud*, que significa “representante, deputado”.

Hombu é palavra dos índios Kraó, da região setentrional de Goiás, e quer dizer:

veja-nos; venha nos ver; venham conosco.

Ser visto pelo público – não é o que o teatro e os atores desejam? Estava escolhido o nome certo para o momento certo.

A energia da palavra de uma tribo, lugar onde todos se pintam, dançam e cantam em rituais que se parecem, muitas vezes, com uma representação teatral.



Certidão de nascimento

Tijuca, casa de Silvia Aderne. Thelma Nascimento vasculha o material do Grupo Hombu. Jornais antigos, programas, cartazes... de repente: um papel amarelado, um texto de Tarcísio Ortiz aparece em meio à papelada. Uma "carta" de princípios, pedra fundamental do Grupo Hombu. Vamos a ela:

Sergio
O Grupo Hombú convida para
a estréia do espetáculo infantil.

FALA PALHAÇO

Sábado, 11 de Agosto de 1979

às 17:00 horas



TEATRO VILLA LOBOS TEATRO VILLA LOBOS
VILLA LOBOS TEATRO VILLA LOBOS TEATR
LOBOS TEATRO VILLA LOBOS TEATRO VILLA
TEATRO VILLA LOBOS TEATRO VILLA LOBOS
VILLA LOBOS TEATRO VILLA LOBOS TEATR
LOBOS TEATRO VILLA LOBOS TEATRO VILLA
TEATRO VILLA LOBOS TEATRO VILLA LOBOS
VILLA LOBOS TEATRO VILLA LOBOS TEATR
LOBOS TEATRO VILLA LOBOS TEATRO VILLA

77/

Nº 096

TEATRO VILLA LOBOS TEATRO VILLA LOBOS
VILLA LOBOS TEATRO VILLA LOBOS TEATR
LOBOS TEATRO VILLA LOBOS TEATRO VILLA
TEATRO VILLA LOBOS TEATRO VILLA LOBOS
VILLA LOBOS TEATRO VILLA LOBOS TEATR
LOBOS TEATRO VILLA LOBOS TEATRO VILLA
TEATRO VILLA LOBOS TEATRO VILLA LOBOS
VILLA LOBOS TEATRO VILLA LOBOS TEATR
LOBOS TEATRO VILLA LOBOS TEATRO VILLA

Nº 097

16 *Felipe Adame Roberto*
Grupo Hombú

“O ano é de 1977 e os militares estão no auge de sua ditadura. O país sangra de tortura e a nação sonha a liberdade.

A arte! A arte para nos fortalecer.

Para comunicar o anseio de mudanças.

O teatro é nossa fonte.

Cinco atores que se encontraram na companhia de Ilo Krugli – o teatro Ventoforte – sentem vontade de criar seu próprio grupo.

Daí nasceu Hombu, que no dialeto Kraó quer dizer: Venha nos ver. Hombu! Olhe para nós! Veja-nos.

O primeiro trabalho – A Gaiola de Avatsiú – começou modestamente na Aliança Francesa da Tijuca e em pouco tempo se transformou na peça infantil mais premiada do ano: Prêmio Molière, Prêmio Serviço Nacional de Teatro, Prêmio Mec – Troféu Mambembe.

Um canto de liberdade que criou corpo em centenas de apresentações em favelas, presídios, praças públicas, ruas, teatros de norte a sul do Brasil até a consagração no World Festival of Theatre na Feira Mundial em New Orleans, no Rencontre Internationale Theatre Enfance Jeunesse em Lyon e na Festa Internazionale de teatro per Ragassi em Turin.

Quais as razões para tudo isso?

Inicialmente o desejo de fazer um teatro para crianças que procura enriquecê-las, não através do confronto entre posições perante a vida. Para nós do Hombu as crianças não são a nação do futuro, elas são cidadãos de hoje. Elas precisam de arte tanto quando seus pais. Como a criança vê o mundo de uma maneira especial, mudando e crescendo ao seu lado, ano após ano, ela também tem necessidades especiais. Um artista que trabalha para crianças precisa compreender o que elas compreendem, ouvir o que elas ouvem, ver o que elas podem ver. Uma companhia profissional trabalhando para crianças tem que ser tão criativa, tão flexível e tão divertida como trabalhando para adultos”.



The background of the image is a dense field of small, five-pointed stars. The stars are in various shades of yellow and orange, creating a vibrant, celebratory effect. They are scattered across the entire frame, with some appearing larger and more prominent than others.

Espetáculos





A Gaiola de Avatsiú foi nosso primeiro trabalho, e com ele começamos a buscar a essência da cultura popular. O início do caminho nos levou ao contato com o primitivo pela leitura de lendas indígenas e caboclas. De todas as que foram pesquisadas, escolhemos “A linguagem dos pássaros” (Kamaiurá) como base para a estrutura do espetáculo. Assim surgiu *A gaiola de Avatsiú*, em meio a lendas, estórias, folhas, palhas e bambus.

Começava ali também a pesquisa de materiais, que nos acompanha até hoje. Construimos nossa gaiola, depois a quebramos e alçamos vôo para novos projetos.





Essa é a história de um caçador de pássaros: Avatsiú. Ele vive e sobrevive caçando passarinhos para vender no mercado.

Existem no Brasil muitas feiras populares onde se vende de tudo, passarinhos inclusive. Cada um tem seu preço, seu valor e sua função. Uns são adquiridos pela beleza de seu canto, outros pelo colorido de sua plumagem.

Essa, portanto, é uma história sobre fatos que acontecem neste país: alguns homens que caçam pássaros, e outros que gostam de mantê-los em suas casas, em gaiolas ou viveiros.





Nossa *Gaiola de Avatsiú* foi criada a partir de um olhar sobre a natureza: olhar dos povos das matas e dos pássaros e o que deles ainda existe em nós. Lendo suas estórias, nos aproximamos dos espaços mágicos tecidos pela arte. De nossas penas coloridas brotam maravilhas que curam dores; de nossos contos e cantos renasce o caminho da alegria e liberdade.





Pena colorida

Muitos anos depois de uma apresentação no presídio de mulheres de Bangu, encontramos por acaso uma senhora que, abrindo a carteira, dela tirou uma pena colorida. Surpresos, escutamos o que ela relatou. Aquela pena havia marcado muito sua vida e a ajudara em momentos difíceis. Por isso, há quinze anos, guardara consigo a pena colorida.

Aquela senhora era uma das ex-presidiárias que tinham visto, com sua filha, a apresentação de *A gaiola de Avatsiú* no presídio de Bangu. A pena colorida era de um dos personagens-pássaros da peça.

Recordou-nos como o texto do espetáculo, que falava de liberdade, influenciara muito sua determinação de ser livre.

Depois disso nos encontramos de novo, e aquela ex-prisioneira política já ocupava um cargo na política educacional do Município do Rio de Janeiro. Com entusiasmo e alegria nos convidou para que assistíssemos à estréia de sua filha no teatro. O teatro estava novamente em sua vida, em sua família, num tempo melhor, mais feliz.

Lembranças de Sílvia Aderne



FALA PALHAÇO

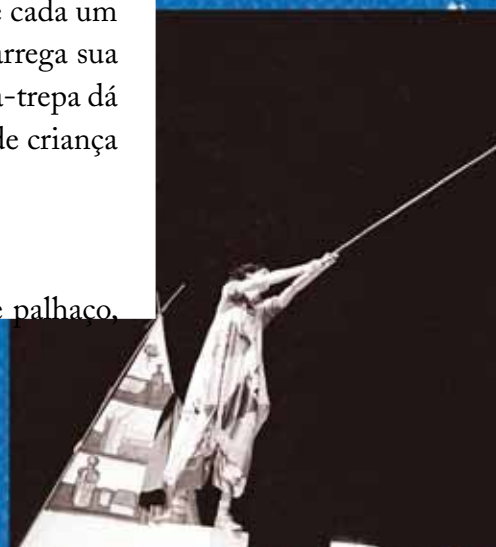
Riso e choro da vida dando cambalhotas

A primeira cambalhota do espetáculo é começar pelo fim. E o fim está próximo para uma família de palhaços. O dinheiro, de verdade, é muito pouco: não há trabalho. O estômago ronca. O que fazer? Ficar parado não adianta. O palhaço chora de tanto rir e ri de tanto chorar. Come-Come, Trepá-Trepá, Lambe-fogo, Cada Um e Paião nos apresentam o lado cômico de momentos difíceis da vida. Uma galinha feita de trapos passa de mão em mão. Será a última refeição? Não, não pode, não! Cada um, que é cada um de nós, começa a fazer jus ao nome. Cada nome, personagem, carrega sua brincadeira e significado: Paião tem que ser mesmo de aço; Trepá-trepá dá cambalhotas com as palavras do mundo e do circo – o seu olhar de criança faz a pergunta que liberta a palavra:

“Você sabia que sabiá sabia subiá?”

Quanto vale a palavra do “teatrinho” no teatro do mundo?

Gags, trejeitos e manejos aparecem de outros jeitos: lágrimas de palhaço.



ironias de quem não quer ferir, mas brincar e ser feliz.

A segunda cambalhota é a crítica divertida de um aniversário em que a trupe vai se apresentar. A dona da festa ralha: “Lugar de palhaço e teatrinho é na cozinha. Primeiro se serve os salgadinhos, depois os doces, no meio os refrigerantes e aí pode entrar um teatrinho, um palhacinho, essas coisinhas para divertir as criancinhas, mas vocês fizeram tudo errado!” Mas não apagamos a velinha da esperança - dizemos nós - “o povinho do teatrinho”. E aí a história dá nova cambalhota. Uma bola de encher serve para fazer uma barriga na palhaça. E vai enchendo, enchendo até... BUM! Nasce um novo palhaço. Um diz uma letra. Outro diz outra, e o nome está dado: Ascaríades. Risadaria geral. Novos brinquedos, novas reviravoltas, e se faz silêncio. A noite chega e com ela um sonho para o Come-Come: uma estrela que vai trazer sorte e refazer a vida. Os palhaços sutilmente juntam partes de seus cenários prendendo aqui, prendendo ali, acende-se uma luz e dá-se a última cambalhota: uma estrela de cinco pontas brilha no centro do palco e dentro de cada um de nós. Fala palhaço!

“Pois precisamos, cada vez mais, de tua figura, de tua voz. Nas crises do país, dos pais, da paz que faz falta, da falta de recursos e de esperança, precisamos de tua irreverência, teu jeito crítico de encarar as dificuldades”.

Beto Coimbra, sobre a importância dos palhaços



COMO-COME
LAMBEE-FOGO

(Música do
Bolo)

- E mesmo.
- (pegando os utensílios de fazer bolo)
que ser macio. Tem que ser um bolo-fofo. Tem que ser bem batido. Fazer um bolo é uma ciência. A qualidade do bolo, depende da proporção. Tem que ter paciência. Tem que ter uma boa mão. (pega o livro de receitas. A partir daí, todos começam a fazer o bolo)
Deita-se uma xícara de manteiga na tigela
E bate-se até esbranquiçar.
Junta-se-lhe o açúcar e começa a misturar.
De três ovos bem fresquinhos, separa-se a clara da gema e tira-se a gema da clara.
Joga a gema na tigela, mexendo pro mesmo lado.
Mexendo sem parar.
Uma xícara de leite, dez colheres de farinha, que se não for peneirada, fica toda encaroçada.
Sem esquecer o fermento, que é pra ele poder crescer.
E uma pitada de sal, pra dar o toque final.
E pra não ficar sem graça, vamos fazer o confeitão.
Talvez botando essa mola, eu acho que vai ser bom para o bolo amaciar.
Bota esse disco velho pra ver se escutando a música ele começa a cantar.
Bota um punhado de suspiro pra ele ficar levinho e ficar cheinho de ar.
E pra ficar perfumado, pra ser um bolo cheiroso, põe nele esse ramo de flor.
E bota um pouquinho de estrume que a nossa Malhada cagou.
Essas bolas pra enfeitar
Essas velas pra soprar
Esse pião pra rodar
Essas fitas pra enrolar.



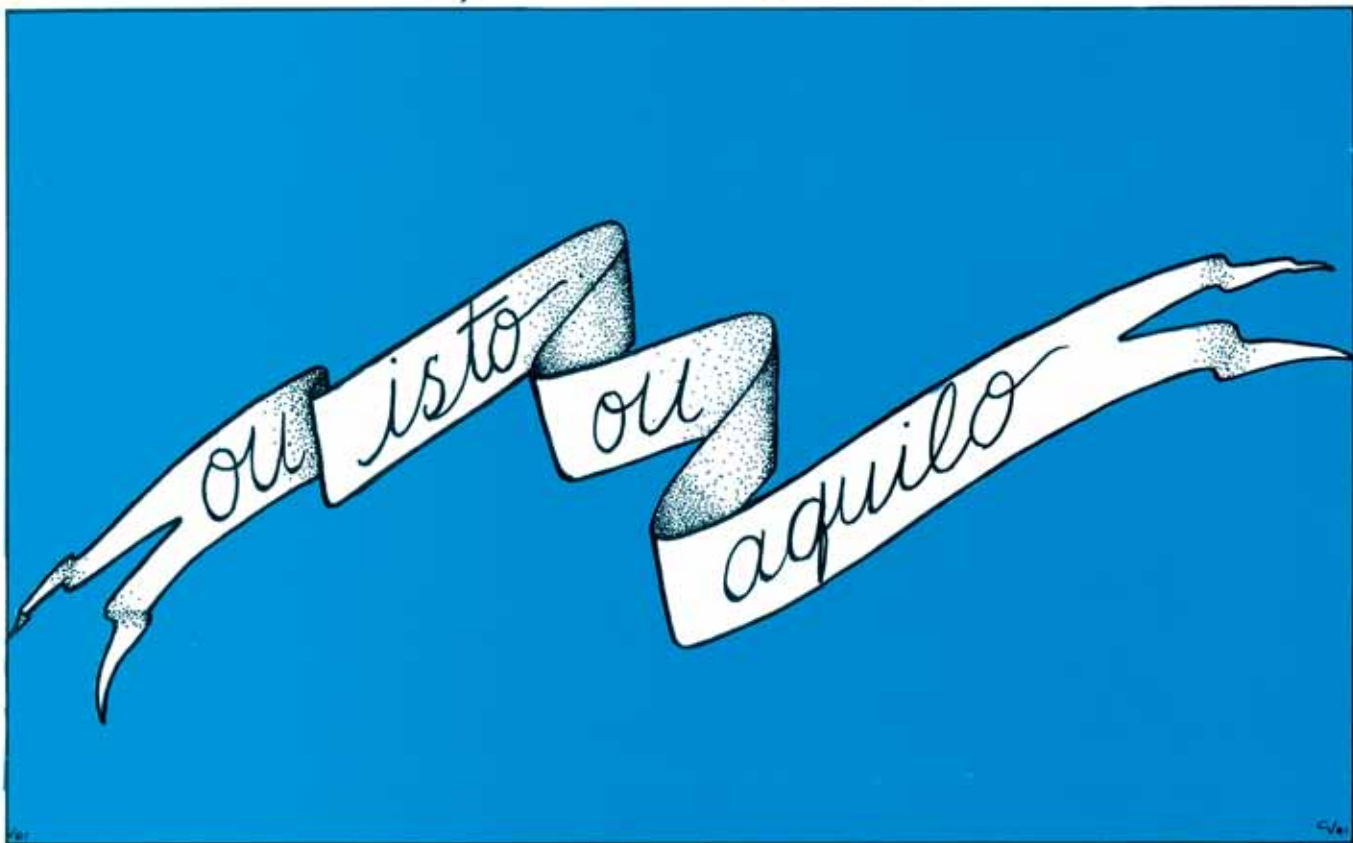


O Dia dos Palhaços

Dia de homenagear os grandes palhaços de nossa história. Tivemos a idéia: apresentar-lhes *Fala Palhaço*. Vieram Maçaroca, Treme-Treme, o grande Carequinha e outros da alta linhagem da história da palhaçada brasileira. Estavam ali, na platéia. Os atores, espiando da coxia: “Eles vieram; estão aí. Que responsabilidade!” As pernas bambearam, veio o suor frio. O nariz e a maquiagem pesaram. Fazer palhaços para palhaços tão especiais? Batismo de fogo. Coragem. Entramos em cena. E nesse dia, com o carinho e a gentileza com que nos trataram ao final da apresentação, sentimos a honra e a alegria de ser “batizados” por esses palhaços. Nossa estrela nesse dia se iluminou um pouco mais.

HOMBU

apresenta



adaptação da poesia de

Cecília Meireles

Três crianças entram correndo no primeiro movimento do espetáculo. Param, surpreendem-se com o público, pegam instrumentos musicais e iniciam o solo de uma valsa. Em seguida surgem duas velhinhas, que dançam e falam da Chácara do Chico Bolacha. A poesia entra em cena e se faz presente entre esses dois tempos. Começa o jogo de *Ou Isto ou Aquilo*. No primeiro lance a regra do jogo é revelada: a infância e a velhice estarão se tocando e se alternando na voz dos poemas – brincadeiras do presente, lembranças do passado, levando olhos e coração para o futuro em que a “partida” da vida se repete.



A grande mágica que faz esse jogo acontecer é descoberta e desenvolvida nas artes do teatro. Os atores são ora crianças, ora velhinhas, ora bichos, brincantes que, num golpe de luz, na troca de uma roupa, no colocar um adereço, nos fios melódicos que alinhavam a sonoridade dos poemas, vão passando o que está escrito no “livro-texto” para o universo de sensações e imagens do espaço cênico. Assim a questão principal colocada por Cecília Meireles em *Ou Isto ou Aquilo* – não se poder estar ao mesmo tempo em dois lugares – ali, na cena, de verdade e de mentira, vai acontecendo. Como observa Flora Sussekind, “e ‘isto’ ou ‘aquilo’, ao invés de se excluírem, misturam-se no jogo do tempo. No colo de uma avó cujos olhos parecem apontar para a criança que já foi, e cujas rugas lembram a velhinha que é”.

Cecília desafia o tempo com sua poesia. Desafia a infância a ver e ouvir o que é mais velho. Desafia a velhice a (re)ver a infância e com ela aprender. E esse é um jogo no qual ninguém perde – saímos todos ganhando na poesia que ajuda a entender a relatividade do tempo.





uma carta pra Cecília

Cecília, Cecília, Cecília!

A tua bela bola rola, Cecília.

A lua é tua em nosso palco de 30 anos.

Cecília, menina que nunca foste tonta e que nos pintaste com as tintas de afeto e sabedoria.

Estás do nosso lado, ao lado de Rosa e Drummond.

Queremos aqui te celebrar, bailarina das palavras, sons e sentimentos.

Queremos contigo escutar a chuva no último andar da poesia –

queremos ir lá, olhar o mundo, teu mundo.

Queremos te contar que em 2007 muitas crianças sabem teus poemas de cor.

Ou isto ou aquilo, sim, fizemos desse canto da infância música, teatro, bandeira.

Queremos te dizer do nosso encanto e carinho por ter nosso nome –

Hombu – ligado ao teu.

A casa é tua, querida, e o nosso coração.

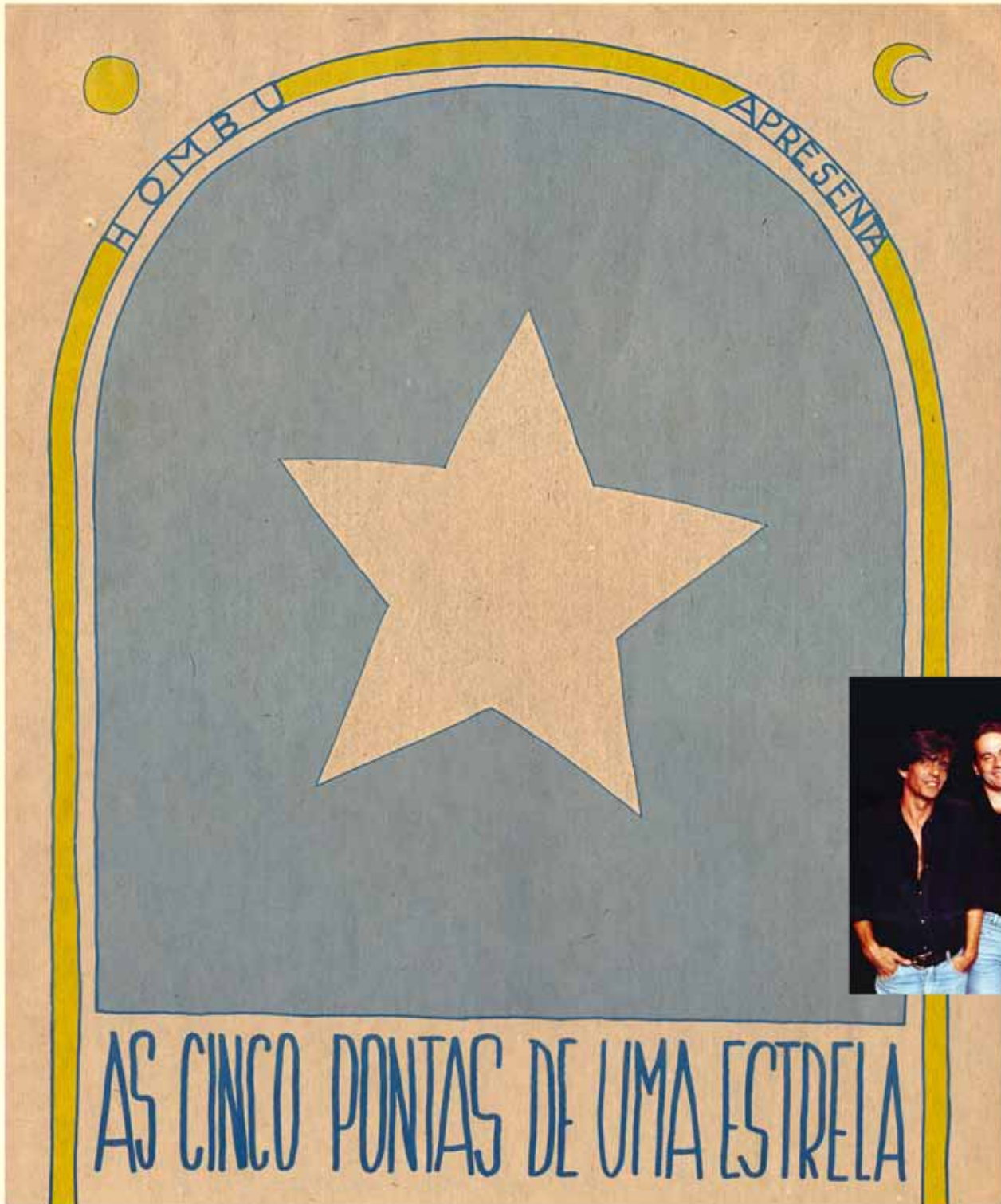




Chuvas, igrejas e vagalumes

Estamos em 1998. Apresenta-se o espetáculo no Projeto Comunidade Solidária, no interior do interior, do interior do Nordeste. As primeiras funções são realizadas em praças e coretos. O palco é a carroceria de um caminhão. Numa cidadezinha, pouco antes do início do espetáculo, desaba um temporal. Não dá para representar na praça. Tem que ser em lugar coberto. O teatro então vai parar na igreja matriz. A poesia de Cecília fica sublime no lugar sagrado. Vira culto, emoção, cultura. Magia forte, inesquecível. Vamos para outra cidade. Cai a chuva. Tempestade. Não há teatro nem auditório; resultado: igreja. Nova cidade e... tome chuva. Mais uma vez, salvos pela casa de Deus.

Fomos gostando e nos acostumando. Até que, de chuva em chuva, entramos num povoado no interior do Piauí. Lindo e seco! A prefeitura já havia preparado tudo para a função, que seria ao ar livre. Nada de igreja; tivemos que ceder. Mas não estávamos sós. O que aconteceu?! Adivinhem... desabou o maior toró! A luz foi embora, mas ninguém arredou pé. E a luz não voltava. O prefeito bradou: “Vamos transferir para amanhã”. “Amanhã já é tarde demais, estaremos em outra cidade”, respondemos. “Então vamos cancelar”, decidiu o prefeito. A praça vazia, o povo indo para casa, recolhemos figurinos e cenários. De repente, uma luzinha lá longe! Outra acolá! E aparecem mais e mais. Vão chegando pelos quatro cantos da praça. São as pessoas voltando com lampiões, lamparinas, lanternas e toda qualidade de luz. O vento bate na chama, que se apaga. Mas de novo se acende. Parece uma nuvem de vagalumes nos rodeando. Uma voz grita lá do fundo: “Já peguei a chave da igreja”. E, assim, com a benção da chuva e o brilho dos vagalumes, voltamos todos novamente à casa de Deus.



O Hombu, após sua montagem de *Lenços e Ventos* e o emocionante reencontro com o Teatro Vento Forte, teve a idéia de criar um espetáculo com roteiro musical entremeado de cenas que contassem e cantassem as histórias selecionadas dos espetáculos do Hombu e Vento Forte. Para nos orientar nessa empreitada, chamamos Ney Matogrosso, que sempre acompanhou de longe a nossa trajetória; ninguém melhor do que ele para isso. Também convidamos músicos e atores, entre eles, o talento e o carisma na voz e presença de Bia Bedran.

As várias unidades do musical compõem um mosaico impregnado do universo mágico que vai da infância até a velhice – através da dança, do teatro e das músicas, o espetáculo percorre poeticamente e em belíssimo roteiro musical as cinco fases da vida.

recorte de release produzido em 1990, ano de apresentação do espetáculo



História de lenços e ventos

De ILO KRUGLI

Música BETO COIMBRA e CAIQUE BOTKAY



O reencontro

Em 1991, o Grupo Hombu passou a ocupar o horário infantil do Teatro Cacilda Becker promovendo a apresentação de *Fala Palhaço*, simultaneamente à remontagem de *A Gaiola de Avatsiú*. Surgiu então o convite a Ilo Krugli para um reencontro: reunir o elenco original de 1974 de *História de Lenços e Ventos* e encerrar com esse reencontro o período de ocupação do Teatro Cacilda Becker.

A remontagem de *História de Lenços e Ventos* significa não apenas a volta ao cartaz de um dos mais marcantes e premiados espetáculos do teatro infantil brasileiro, mas, principalmente, o reencontro de dois importantes grupos de teatro do país: o Vento Forte e o Hombu.

Esse espetáculo conta as aventuras do lenço Azulzinha e seu amigo o Papel. Fábula sobre a liberdade, ambientada nos quintais mágicos da infância, fala da vontade de voar e de crescer, de conhecer novos horizontes; e da força do afeto do personagem Papel, que ultrapassa grandes obstáculos para resgatar Azulzinha do poder opressivo do rei Metal Mau.

(extraído do texto de Alice Reis, no programa da remontagem do espetáculo)



A Comédia do Coração



Esse texto foi sugerido ao Hombu pela atriz Eva Todor, após assistir a uma apresentação do *Fala Palhaço* no Teatro João Caetano. O dia era festivo; no teatro, Rodrigo Farias Lima tomava posse na Presidência da Associação Carioca de Produtores Teatrais – ACPT. O público ficou encantado e emocionado com a trupe de palhaços.

A Comédia do Coração tinha história; na montagem original, Alegria fora interpretada por Dulcina de Moraes. E como era a estória da *Comédia*? A estória de passava dentro do coração de uma jovem apaixonada, dividida entre a paixão e a razão. Durante a peça os vários personagens / sentimentos mostravam à jovem, cada um a seu modo, as vantagens e desvantagens dessa paixão, as conseqüências alegres ou tristes de assumir esse amor. A cenografia, ponto alto da montagem, retratava o interior de um coração. A inspirada trilha sonora acompanhava o jogo das emoções.

Recordações de Sérgio Fidalgo



A Casa da Madrinha

LYGIA BOJUNGA



elfs And.ato



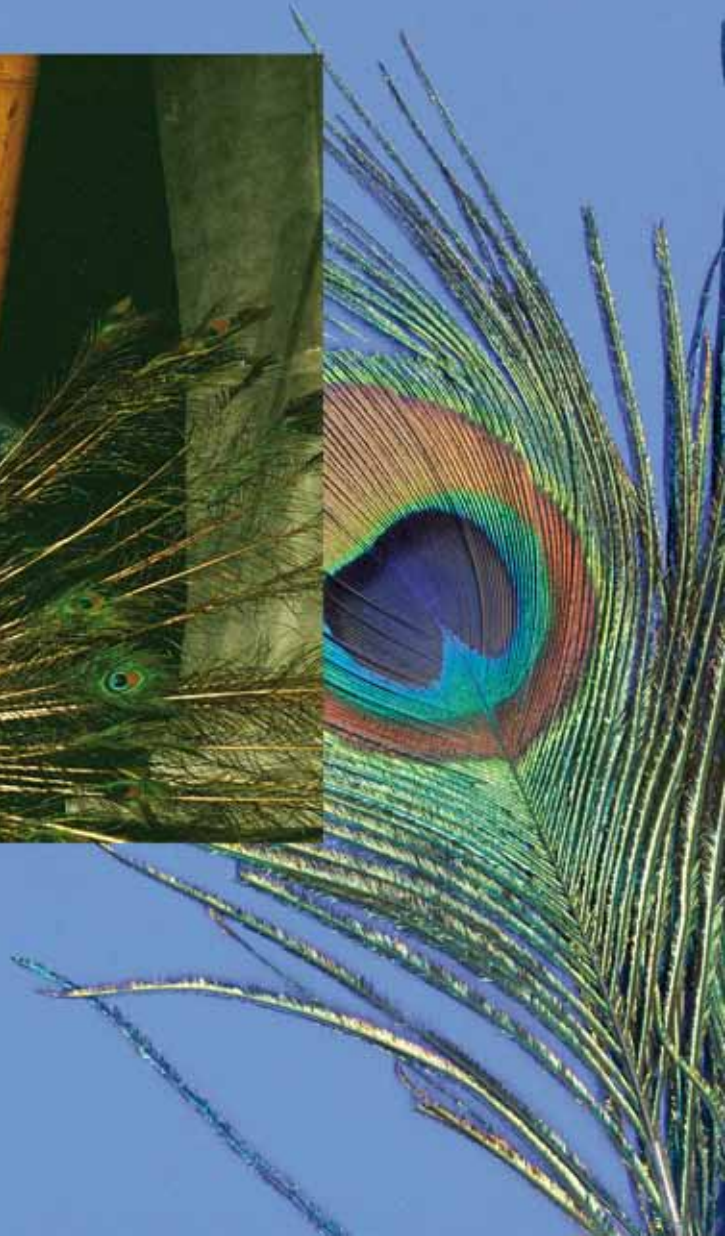
A estrela que ilumina e aponta o caminho para uma infância, um mundo mais feliz, a estrela da consciência, a estrela da beleza, a estrela da mudança, da arte sem fronteiras, sempre presente em nossos espetáculos, é aqui *A Casa da Madrinha*. Uma casa mágica que vai nortear a caminhada do menino Alexandre, em companhia de sua fantasia – o pavão da torneirinha. Nessa busca, Lygia Bojunga leva esses dois personagens para uma viagem na direção inversa à que fazem os retirantes nordestinos: ela sai do morro, da vida difícil, caminhando para o interior do país. Aponta, portanto, para um jovem favelado outro destino além do crime e da desilusão. E Lygia o faz sublinhando sua bela estória, com graça e surpreendimento, tirando o peso, mas provocando, com sua arte, nossa reflexão sobre a infância desamparada. A galeria de personagens que se apresenta – a Gata da Capa, Seu Joca do





Pandeiro, João das Mil e uma Namoradas e, finalmente, o Cavalinho Ah! – estreita as relações entre realidade e imaginação, levando o público para um inesperado final: a casa dos sonhos, a casa da madrinha está dentro de cada um de nós. Mas para isso é preciso estar vivo. É preciso ser ajudado. É preciso sonhar, e, então, quem sabe, encontrar em si mesmo a chave da porta para uma existência melhor neste mundo.





Vésperas de estréia

Vésperas de estréia. O diretor, muito preocupado: a atriz principal ainda não sabia todo o texto. O que fazer? “Arranjem um hotel para a atriz decorar rapidamente o que falta!” A produção age: isola a atriz num hotel, compra grandes frascos de iogurte para que ela vire a noite bem alimentada.

E então um ator torce o pé... Inacreditável! Procura-se rapidamente um substituto. Uma loucura! Corre-corre geral. Aparece o ator.

Para amenizar as angústias e tensões, da produção já sem dinheiro, de atores nervosos e diretor explodindo, resolve-se jogar na loteria, no número do personagem principal da estória: o Pavão. E não é que deu pavão na cabeça? Inacreditável!

Ganhamos uma “bolada” e fizemos a festa. Estréia maravilhosamente aplaudida. O Pavão, com seu leque de formosura, “baixou” na cena e nos bastidores de *A Casa da Madrinha*, nos dando de presente uma bela temporada de sucesso.



A Zeropaia

a centopéia e o cavaleiro

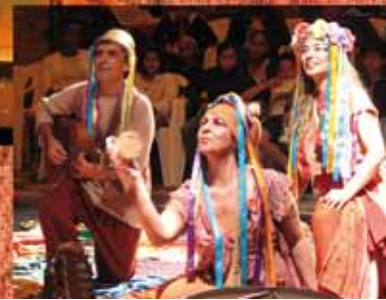
Existe um bicho que tem cem patas, outro muito parecido com ele que não tem pata nenhuma. Sabemos que a centopéia e a cobra por algumas razões ainda não de todo conhecidas nasceram assim. E há outros seres de quatro, seis ou oito pés, ou oito tentáculos, ou muitas garras que se espalharam por terra, mar e ar. Há, porém, um de dois pés que chegou, ganhou mundo e depois passou a pensar a seu respeito e dos outros. Betinho é um desses que passaram a pensar em tornar melhor a vida de todos. Porém logo percebeu que tinha um imenso trabalho a fazer – pouca água para apagar um grande incêndio. A partir de então, entre tantas marchas e contramarchas, fugas, batalhas, discursos e ações na tentativa de convencer os homens a se entender melhor, resolveu falar com as crianças. Nasceram suas pequenas e afetuosas fábulas sobre os pés desses e de outros bichos. Um vem e diz: “Sou melhor porque tenho seis patas.” “Não, melhor sou eu que tenho quatro, muito especiais.” “Nada disso, bom sou eu, que tenho só duas e faço tudo.” “Negativo”, afirma outro, “eu tenho nenhuma e faço e sou e aconteço mais que todos vocês.” E assim aquela centopéia, que tinha tantos pés, dando ouvidos a tantas falas, fica sem nenhum. Caminha-se, então, para o primeiro grande momento da história: quem se “amarrou” para ficar igual a outros, quem muito escutou outros e se perdeu, quem desprezou aquilo que era seu, superando dor, imobilização e tristeza, liberta-se e segue sua estrada, com seus muitos pés para muitos caminhos, respeitando diferenças e as verdades que existem em cada um.





O Hombu inspirou-se nessas fábulas, aproximou-as do universo da saga de retirantes nordestinos e convidou Ilo Krugli, um de seus antigos mestres, para dirigir a encenação. Com Ilo veio a idéia de levar a centopéia, já em plena liberdade de suas cem patas, para o mundo sensível e solidário do *Príncipe Feliz*, de Oscar Wilde, no qual a centopéia de Betinho junta-se a andorinhas e peixes, pelo ar e pela água, com fogo e paixão, pisando terreno difícil, e age em direção às muitas necessidades dos esquecidos. Configura-se assim o formato final do espetáculo – a estória em dois movimentos – unindo pensamentos de Betinho e de Oscar Wilde, gerando um musical poético, gracioso, de emoções múltiplas e plasticidade em contínua transformação, colocando no palco um folguedo para se brincar de pensar, de querer bem, de querer mudar e de gostar de si e dos outros.







A foto do Betinho

Um dia, quando ensaiávamos *A Zeropéia*, alguém questionou: “Onde vai ficar o Betinho na estória? Ele pode ser o narrador, por exemplo?” Alguns queriam, outros não. Dias depois encontrou-se uma foto dele, e, a partir de então essa foto era colocada em lugares diferentes do cenário. Brincávamos de descobrir onde. No início de cada ensaio nós a trocávamos de lugar, mas a questão continuava – nenhuma tentativa esclarecia se ‘o Betinho’ deveria ficar aqui, ali, em cima, embaixo; aparecer, não aparecer... Não queríamos mencionar seu nome no espetáculo. Não nos parecia necessário. Ele estava totalmente ali, na estória toda. E não deu outra: numa noite de ensaio, colocamos a itinerante foto em novo lugar, de onde, inexplicavelmente e sem que ninguém tivesse mexido nela, sumiu! Por um bom tempo, procuramos, procuramos, e nada. Ninguém sabia aonde teria ido parar. Por fim, a encontramos num caixote velho que fazia parte do cenário. Lá estava a foto junto com uma boneca sem cabeça e sem um braço. Bateu em cheio! O sinal era claro. Seria ali, ao lado do brinquedo quebrado, dos esquecidos, que ele continuaria a ficar. O personagem principal deveria ser seu trabalho – ajudar aqueles “quebrados”, destruídos, sem movimento próprio, a buscar em si mesmos sua reconstrução – novo significado para a vida. Vida nova. Vida mais digna. Vida mais solidária.

os diferentes

os diferentes
adaptação do grupo Hombu da obra de
Carlos Drummond de Andrade



A peça que nasce da troca das peças

Era uma vez Carlos, um menino nascido nas Minas Gerais, em Itabira. Quando Carlos cresceu e já era poeta famoso escreveu “A senha do mundo”, “Vó caiu na piscina”, “A cor de cada um” e “Criança d’agora é fogo!”.

Em algumas dessas histórias descobrimos cenas teatrais variadas, às vezes encobertas por palavras desconhecidas. Em outros casos as palavras são simples, mas o enredo principal não se vê logo. Há palavras encantadas, secretas, inventadas, ao lado de acontecimentos tão comuns, tão banais. E é justamente daí que se cria o jogo teatral de *Os Diferentes*. Os atores brincam de encontrar o que significam e o que liga estórias tão “diferentes”.

Uma estória puxa outra, que cria outra, que recria outras tantas. Objetos, cenários, músicas, figurinos, luzes e sons em contínua transformação vão tecendo o enredo que aparece de tantas estórias. Um dia com Drummond, sendo o tempo do livro diferente do tempo do canto, que é diferente do tempo das cores, que é diferente do tempo dos objetos, que é diferente do tempo do sonho, que é diferente do tempo da tristeza, que é diferente do tempo da alegria, que é diferente da esperança, que é diferente da chegada, que é diferente da partida, mas que acontece ao mesmo tempo nos vagões do trem da poesia. Piuí, piuí! Êta trem bom, que trem é esse? Esse é o trem do Drummond.

*Carlos Drummond, Carlos Drummond, Carlos Drummond,
Há quanto tempo, há quanto tempo, há quanto tempo,
Como é que vai, como é que vai, como é que vai,
Tá tudo bem, tá tudo bem, tá tudo bem.*

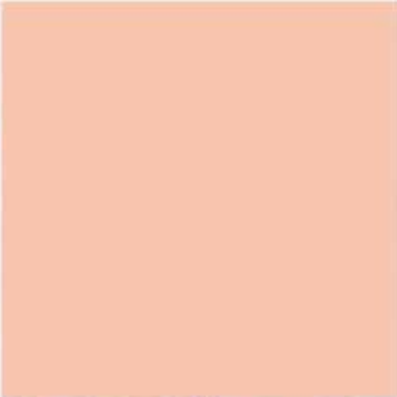
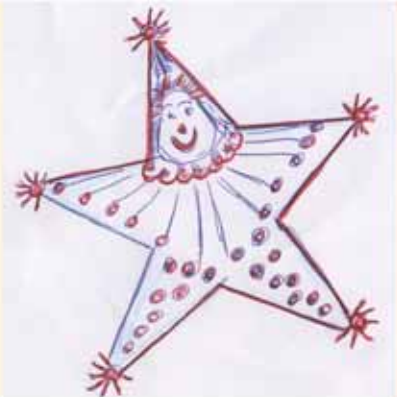






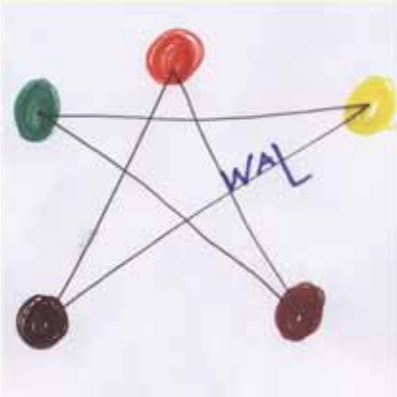
O Tombo

Livro de mineiro, texto feito no Rio, primeira viagem ao interior de São Paulo. Já estávamos quase chegando em Marília. De repente, do nada mesmo, surge um motoqueiro. O motorista tenta desviar, perde o controle. Tudo roda, e tombamos de lado. A van arrasta-se fazendo fagulha no asfalto, até parar batendo na proteção da estrada. O susto nos cega. Saímos aos trancos e barrancos. Uma atriz fica presa embaixo do carro. Um ator cai e desmaia. Os outros, lívidos e desnorteados, mas sem nenhum arranhão. Nos falamos: “tudo bem? cadê fulano? cadê beltrano?” E nos achamos. Visão desolada: maletas, cenários, roupas, tudo espalhado na estrada. Muita gente aparece para ajudar. “Tem que destombar o carro!” “Pára! a atriz não pode se mexer.” Sirene, hospital, São Manuel. Ufa! Tudo poderia ter acabado ali. Deus salvou, São Manuel ajudou. São Manuel, pequena cidade com uma pracinha linda, cheia de árvores e flores. Solidariedade de todos. A força do grupo aumenta, refaz-se tudo. A atriz, bravamente, alguns meses depois está sarada. Obrigado, Deus; obrigado, São Manuel. Pela primeira vez na vida, Manuel, muito conhecido nas piadas de português, de outro modo nos faz sorrir: de alegria e agradecimento.



“Estrela não é pra pegar,
é pra fazer pedido”

(Fala Palhaço – Grupo Hombu)



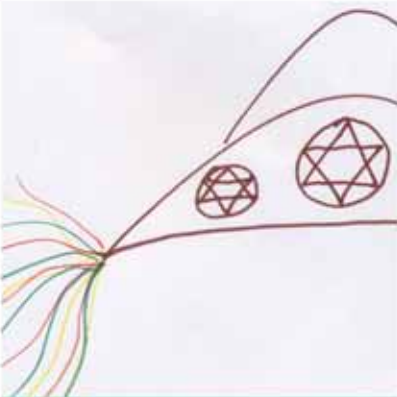
“... Põe no cabelo uma es-
trela e um véu, e diz que
caiu do céu”

(Ou Isto ou Aquilo – Cecília Meireles)



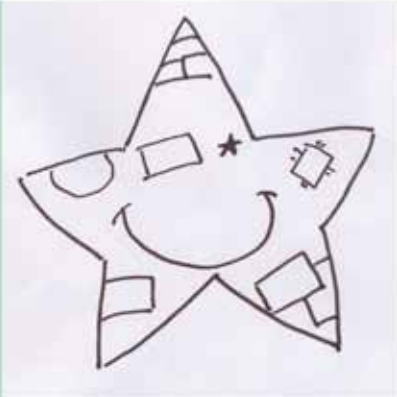
“Tinha liberdade
Pra falar pro povo
Da nossa vontade
De juntar de novo
As cinco pontas
De uma estrela”

(Fala Palhaço – música de Beto Coim-
bra e Caique Botkay)



“... Estrelas de renda, talvez
de lenda”

(Ou Isto ou Aquilo – Cecília Meireles)





“A linguagem na superfície estrelada de letras. Sabe lá o que ela quer dizer?”

(Os Diferentes – *Carlos Drummond de Andrade*)



“Entre o céu e a terra retalhos de vida, de histórias infinitamente grandes, infinitamente pequenas. Infinitamente distantes como as estrelas, infinitamente próximas como uma formiga.”

(A Zeropéia – *Ilo Krugli*)



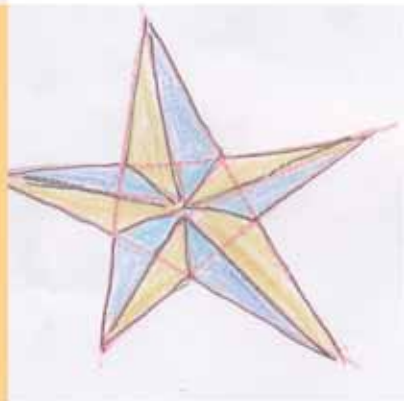
“Vem estrela e mostra o caminho para mim
Vem estrela
Ilumina minha estrada
por aí...”

(A Casa da Madrinha – *música “Estrela Guia” de Ronaldo Mota*)



“Onde andaré estrela
brilhante
Meu coração aqui tão
distante...”

(A Zeropéia – *música “Retalhos”, de Ronaldo Mota e Cristiano Mota*)






O Grupo Hombu e a Criança

“... Bem para começar eu vou dizer que gostei muito do teatro que teve na minha escola. Sabem por quê? Porque aquela peça representava a liberdade dos pássaros que vivem neste mundo encantado. Vocês devem ter reparado que, quando eles estavam presos, eram tristes, não cantavam quase, não comiam; mas quando o amigo deles veio e salvou, eles voaram com toda a sua força. Eu fiquei pensando que deve ser bom voar, livre como os pássaros. Eu pensei: deve dar um trabalhão para armar aquilo tudo para ensinar ao mundo que amar não é deixar a natureza presa. Eu adorei aquela peça. É lindo saber amar a natureza.”

Depoimento de Celma de Souza, 10 anos, em 1977



No primeiro espetáculo montado pelo grupo, *A Gaiola de Avatsiú*, na década de 1970, os anseios da preservação e do respeito pelas espécies estão no centro da história. Representar para a criança esse dilema era muito importante. Ali também estão presentes a falta de liberdade, a morte e a luta contra a passividade. Universo de coisas adultas? Uma visão mais apurada diz que não. A criança brinca de morrer, de viver de novo, de fazer medo, de matar, de prender, de soltar, de ter raiva e de amar. Mais do que isso, ela ensina a sinceridade com seu faz-de-conta. Quando monta seu teatro, ela quer passar algo, quer dizer: me veja, me aprecie, me respeite, me deixe ser feliz; aproveite o que eu mostro, me ajude a ser o que sou. E faz tudo isso às claras. Tem, dentro dela, a semente de um futuro melhor. Se ela não gosta, diz. Se dói, ela chora. É triste ver uma criança triste. Pior é ignorá-la em sua pobreza. É coisa grave alguém que faz arte para crianças não considerar seus sentimentos. Parodiando o poeta, o teatro não muda (logo) o mundo.





O futuro melhor germina em qualquer lugar, na favela, no palácio, nas ruas, na selva, na cidade, se em qualquer desses lugares a criança sobreviver com dignidade e irmandade. Ela é o elemento mais importante das transformações. Não se trata de um “serzinho” que ganha bilu-bilu e vai para o asfalto ser morto ou não vai a lugar nenhum, no máximo se torna a lama de um asfalto sujo. O Hombu, com seu teatro artesanal apoiado na poesia, na música, na literatura, na iluminação, no jeito-criança-de-fazer-arte, tem a esperança de que as muitas idades que se (co)movem com seu trabalho reguem a semente que existe em cada criança que nasce.





Vamos continuar a apresentar, num mundo tecnológico, industrial, do divertimento fugaz, a opção da diversão junto à reflexão. Oferecer às crianças e a seus pais uma alternativa que, por um momento que seja, os retire da frente de jogos repetidos e maquinais de um computador e os apresente ao insubstituível poder que o teatro inspirado nas artes da criança tem na melhoria de nossas vidas.



Linguagens Visuais





Ao ver uma criança brincando de casinha,
repare no que ela usa e inventa para criar
os cômodos, o telhado,
as janelas, o jardim,
o carro na porta, a garagem
e tudo mais que lhe der na telha.





Alguns pedaços de madeira ou gravetos podem ser atados:
está pronto o portão.

A caixa furada de papelão pode virar uma janela.

De um pano, de um trapo, ela faz um boneco, um personagem;
o tubo de linha usado é um cachorro.

Está pronta a casinha com seus moradores.





Bambus, ferros, madeiras, panos, jornais velhos, penas
foram nossos primeiros materiais cênicos.

A eles fomos, a cada espetáculo, **juntando** outros,
ampliando seus usos.

Retalhos de panos **viram** lona de circo, que **vira** estrela;
cubos, triângulos, cilindros, que se **mexem** e **remexem** na construção de



trem,
igreja,
ponte.



De um baú saem
roupas velhas,
de pessoas antigas.

Com esse vestuário
criam-se personagens
de vida curta – *flashes* de memória.





Uma cidade construída de sucata.

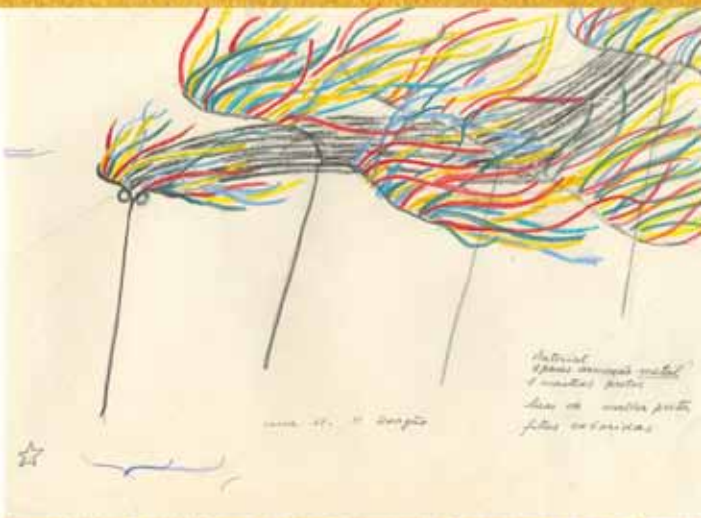
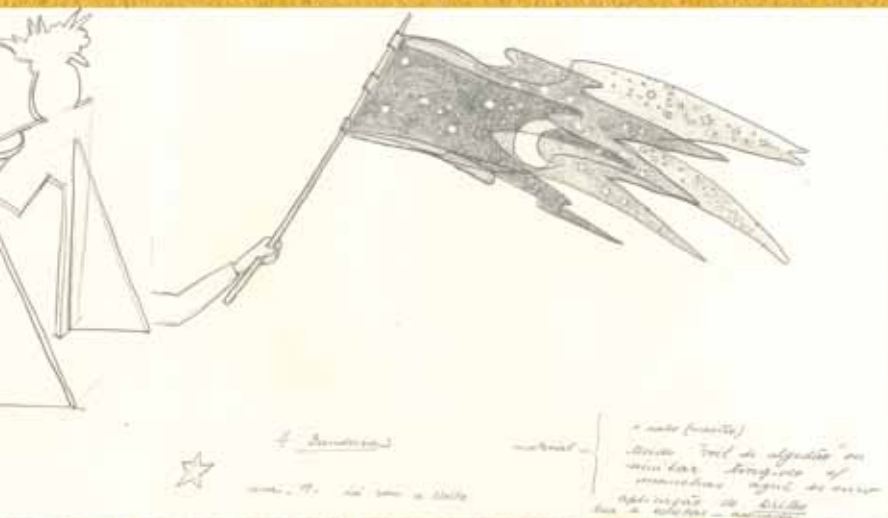
Tubos, canos, paredes, latas velhas flutuam em cena
como num sonho.

O grande formigueiro humano se constrói:

a terra treme,

nasce um pedaço do mundo.





Sérgio Fidalgo, Jorginho de Carvalho, Biza Vianna, Carlinhos Veiga,
Ilo Krugli, Isa Aderne, Luis Carlos Ripper, Eduardo Salino,
Carlos Alberto Nunes, Ângela Freiberg, Thelma Nascimento e tantos colaboradores,
aderecistas, bonequeiros, figurinistas e artesãos que têm contribuído fortemente
para a beleza dos espetáculos do **Hombu**.



Música

Costumamos brincar, dizendo que o Hombu é o único grupo de teatro brasileiro que formou uma “ala de músicos e compositores”. Esse acervo musical do grupo transcende, pela qualidade de suas composições e arranjos, o âmbito da música feita para teatro. Ao contrário, adquiriu vida própria, tornando-se fator decisivo para a magia e o encantamento dos espetáculos concebidos.





De fato, se pensarmos em nomes como Beto Coimbra, Caíque Botkay, Ian Guest, Ronaldo Mota, David Tygel, Cristiano Mota, Leandro Freixo, Daniel Fernandes, Isadora Medella, Carlos Bernardo, Amora Pêra, a própria Silvia Aderne e tantos atores-músicos-cantores que estiveram e estão nos espetáculos, temos um belo painel de tendências e estilos musicais que contribuíram decisivamente para a formação da linguagem do Hombu.

Esse delicado tecido musical, que vem sendo elaborado há trinta anos, é tão diverso quanto um tapete que passa de mão em mão, tendo cada artesão seu modo de fazer. Fazeres que se ancoram nos jogos e cantigas da infância – artesanato de sons e significados transformados em cenas do universo da criança. Nossos enredos musicais surgiram e surgem dessa linha que junta e costura a voz da criança à da música.



“No Hombu faz-se música para sorrir e para chorar. Faz-se música para cavalo voar, música para poemas, música para sonhar. Música que diz não! Canção que diz sim! Fazem-se sons e ruídos com muitos instrumentos: conhecidos, estranhos ou inventados. Tema para personagens que vão se repetindo, se alternando, no contar das histórias. E canta-se, em uníssono, em vozes diferentes, em vozes de bichos, em onomatopéias, porque música, para nós, é fundamental também nas encenações.”

Beto Coimbra, sobre a música na montagem de A casa da madrinha

HOMBU

As cinco pontas de uma estrela ("Fala palhaço")

INTRO Am(odd9) Dm6/A E7/B Am FIM

CANTO Am Dm6/A E7/B

G#0 Am Am A?

Dm D#0 F0 E7/B

G#0 2º G#0

D.C. até FIM em fade out

AS CINCO PONTAS DE UMA ESTRELA

Esta noite eu tive um sonho / Eu preciso te contar / Eu descia uma ladeira / Que dava na feira / Que dava no mar / Sonhei que não tinha sono / Louco pra te ver passar / Eu ficava assim sem jeito / Com esse nó no peito / Só pra te contar / Que tinha esperança verde / Tinha brincadeira / Tinha uma saudade / Tinha uma poeira / E a gente rodava / Pela noite inteira / Que tinha susto, tempestade / Tinha ribanceira / Tinha liberdade / Pra falar pro povo / Da nossa vontade / De juntar de novo / As cinco pontas de uma estrela.

Música e letra de Beto Coimbra e Caique Botkay

HOMBU
 Palavra mágica ("Os diferentes")

D/A A⁷/₄ D/A A⁷/₄
 D/A A⁷/₄ D/A D/A
 A⁷/₄ D/A A⁷/₄ Em A⁷/₄ D/A
 A⁷/₄
 D

PALAVRA MÁGICA

Certa palavra dorme na sombra de um livro raro / Como desencantá-la / É a senha da vida / Senha do mundo / Vou procurá-la / Vou procurá-la a vida inteira / No mundo todo / Se tarda o encontro / Se não a encontro / Não desanimo / Procuro sempre / E minha procura ficará sendo minha palavra.

Poema de Carlos Drummond de Andrade - Música de Ronaldo Mota, Cristiano Mota e Beto Coimbra

HOMBU

Serena mata ("A gaiola de Avatsiú")

CANTO

Am Am/G B⁷ B⁷/F# Em

Em/G Bm F#⁷ Bm B⁷

F#⁷ Bm B⁷ FIM BANDOLIM Em Em/G

F#⁷ E⁷ Am Am/G B⁷

Em Em/G Bm/F# F#⁷ Bm B⁷

D.C. sem rep. até FIM

SERENA MATA

Olha a cor das minhas penas / Cada uma tão pequena / Mas grande fica quando quer olhar de dentro / O verde da serena mata / O azul do céu moreno / O barro, terra, chão da vida / Vida presa não pode cantar / Deixa meu vô solto ir longe / E cantar meu canto aonde as águas correm lentas / Em suaves quedas / Como a luz prateada do luar / O amanhecer dourado desperta o coração vermelho / Que assim preso não pode voar.

Música de Beto Coimbra / Letra: Grupo Hombu

HOMBU
 Retalhos ("A zeropeia")

Chords and notation in the score:

- Staff 1: D⁶, C/D, A⁷(9), A⁷(b9)
- Staff 2: D, D(#5), D⁶, B^m⁶/D, E^m⁷, A⁷₄
- Staff 3: G^m⁶/B^b, A⁷, B^m⁶/D, E^m⁷, A⁷₄

End of piece: D.C.

RETALHOS


Onde andará estrela brilhante / Meu coração aqui tão distante / Retalhos de seda, de chita, de pano / Segredo e mistério / Nas minhas mãos eu teço meu sonho.

Música e letra de Ronaldo Mota e Cristiano Mota



Literatura





Da mesma forma, não é de hoje que o grupo tem um caso de amor com a literatura. Cecília Meireles, por exemplo. Pelo menos duas gerações já puderam assistir a *Ou Isto ou Aquilo*, com os poemas de Cecília encenados e cantados na íntegra. Em *A Casa da Madrinha*, de Lygia Bojunga, os exercícios com sua literatura nos levaram a uma encenação que lembra um caleidoscópio, uma miríade feita de sons, ruídos, música, adereços e cenários de luzes inesperadas. Já em *Os Diferentes*, de Drummond, uma simples frase do poeta é capaz de desencadear toda uma seqüência de imagens, sons, jogos e brincadeiras. Não há compromisso com regras preestabelecidas, apenas a busca da fonte de criação, mergulho no inesgotável tesouro que é a literatura brasileira.

Nós do Hombu somos antes de tudo contadores de estórias. Essa liberdade de misturar as estórias e poemas de grandes autores, como Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Lygia Bojunga, Betinho, ao nosso repertório oral, à nossa memória afetiva sempre foi nosso modo de fazer teatro – um teatro que não propõe fórmulas, receitas de bolo. A não ser do jeito *Fala Palhaço...* Essa é nossa limpinguapagem. Dicionário para Crianças ou Manual para Contadores de Estórias.





Oficinas e trabalhos sócio-educativos





As oficinas Hombu trabalham a sensibilização



num tempo de tendências excludentes.





Propõem refletir sobre a tolerância, a estima e o respeito entre pessoas.





É possível, para o ser criativo e transformador que há em cada um de nós, preservar e melhorar a qualidade de vida no planeta.



A Casa Hombu





Minha breve história

No princípio era um charco, um grande manguezal. O Conde de Bobadela – Gomes Freire de Andrade – fez desses alagados doação para o Convento de Santa Teresa das religiosas da Ordem das Carmelitas Descalças. Assim como na poesia de Cecília Meireles, séculos depois, o charco vira chácara. Na chácara nascem meus ancestrais: armazéns e pequenas casas de moradia.

O tempo passa, reformas são feitas, os antigos “parentes” são derrubados. O século



19 chega, e em seu transcurso a Ordem das Carmelitas negocia seus terrenos, que vão da chácara até o que depois seria o bairro da Glória. Até que chegam os comerciantes e o século 20.

É nele, no ano de 1908, que os livros registram a data de meu nascimento. Continuo pertencendo ao Convento de Santa Teresa, depois faço-me casa de moradores e comerciantes prósperos. A Lapa cresce. A vizinhança se amplia, e a diversão chega trazendo noites febris, com seus cafés e casas noturnas. Instaura-se a boemia. Amores inspirados criam sambas com toques de modernidade. De meus quartos e salões escutam-se os cantores dos cabarés na alta madrugada. Mas as festas e celebrações



também se vão. Nesse período já me chamam de Casa do Júlio. Na parte de cima sou subalugada para inquilinos. Minha manutenção torna-se difícil. O cuidado comigo diminui. Alguns pedaços meus quase desabam.

Chego a 1980 aos trancos e barrancos. Os conflitos sociais, a pobreza em nossas ruas, a insegurança geram à minha volta muita tensão. A Lapa e seus prédios podem “ir para o brejo” ou, melhor, voltar para o charco.

Em 1992 alguns políticos resolvem agir. Em situação precária, sou entregue, vejam só, a um grupo de teatro para crianças: o Hombu. Salve! Vieram também os novos vizinhos – Tá na Rua, Teatro do Oprimido, Instituto Palmares e a Febarj. Estava



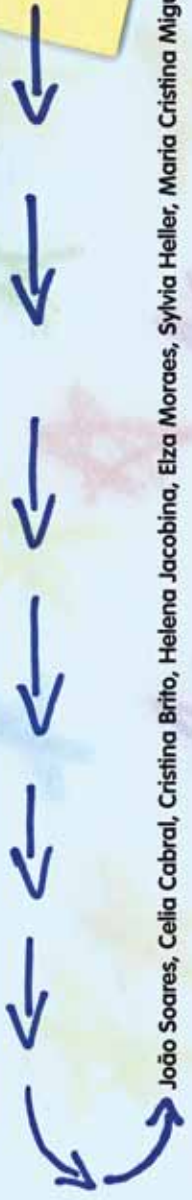
criado o Distrito Cultural da Lapa! Defronte do Circo Voador. Aqui e ali, luzes da cultura para iluminar, trazer paz e ajudar nas questões sociais. Com esforço, quase do nada, me recomçaram, e aqui estou, melhorando com o trabalho de atores, diretores, músicos, cenógrafos, arte-educadores, com espetáculos, leituras, ensaios, contação de histórias e oficinas do dia e da noite. Para meu futuro próximo desejo ser cada vez mais a Casa das Artes para a Infância.



Servir de espaço para a alegria, a reflexão e a transformação da juventude.


Para relembrar a minha história, agradeço a Luiz Antônio de Almeida, pesquisador da Fundação Museu da Imagem e do Som e Aline Ramos Brandão, pesquisadora do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

Hombus de todos os tempos



João Soares, Celia Cabral, Cristina Brito, Helena Jacobina, Elza Moraes, Sylvia Heller, Maria Cristina Miguez, Ian Guest, Roberto Wagner, Ney Matogrosso, Eduardo Salino, Otávio Coutinho, Leandro Freixo, Walkyria Alves, Roberto Mello, Alejandro Oliva,

Amora Pêra, Mari Monteiro, Daisy Aderne, Angela Reis, Heloisa Stocler, Luiza Novaes, Thelma Nascimento, Elifas Andreatto, Bia Bedran, Isabel Penoni, Suzie Thompson, Orlando Leal, Abelardo Lustosa, Cássia Kiss, David Tygel, Guilherme Bedran, Mário Ferraro, Paulo Roberto Pugialli, Biza Vianna, Ronaldo Mota, Vera Lucia Lopes, Ilo Krugli, Augusto Madeira, Isa Aderne, Tarcísio Ortiz, Cleide Barcelos, Luis Carlos Ripper, Alvaro Souza, Maurício Senna, Mônica Behague, Felisa Carvalho, Sérgio Silveira, Valério Rodrigues, Eveli Fischer, Dudu Sandroni, Eloy Araujo, Alice Reis, Maria Helena Esteban, Índios Kraô, Cristiano Mota, Lêa Aderne, Todos os Índios, Mouhamed Harfouch, Angela Freiberg, Isadora Medella, Gatto Larsen, Regina Costa, Luis Bantistela, Beto Coimbra, Angela De Castro, Daniel Fernandes, Regina Linhares, Laura Aderne, Claudio Mendes, >>>



>>> Alexandre David, Letícia Medella, Barbara Martins, Jorginho de Carvalho, Hélio Frasão, Pedro Rocha, Fábio Silveira, Cláudia

Travassos, Getúlio Damato, Rubens Barbot, Mário Hermeto, Leninha Pires, Jaqueline dos Prazeres, Roberto Prado, Ilana Brão, Sônia Souza, Denise Stutz, Ivan Klíngen, Pedro Forjaz, Sergio Fidalgo, Fernanda Caetano, Ivanir Calado, Amir Haddad,

Emmanuel Santos, Andreia Behague, Lais Aderne, Gulu Monteiro, Thais Tedesco, Renata Aderne, Caique Boikay, Jonas Miqueias, Carlos Bernardo, Carlos Veiga, Tânia Dias, Carlos Alberto Nunes, Arnaldo Marques, Índios Guaranis, Luiz Saragiotto,

Silvia Aderne, Flávia Ventura, Caco Monteiro, Emerson Boy, Laura Guimarães Rosa, Ana Cunha, Junior Santana, Paulo Mayali, Sandra Kroef, Edmilson Santini, Queca Vieira, Denise Stutz, Mariana Mac Niven, Sdenek Hampl, Daniele Ramalho, Pedro

Zorzezi, Leandro Andrade, Antonio Terra, Marcelo Gufferez, Eliane Costa, Gedivan Albuquerque, Sergio Sarraceni, Glorinha Beutenmuller, Alexandre Cardoso, Ricardo Furtado, Alexander Geifman, Vnicicus Feio, Emilia, João Gomes, Marko Ribeiro ...

O Instituto Cultural Hombu surge em 2001, como desdobramento do Grupo Hombu. Vem fortalecendo as atividades artísticas, culturais e educacionais do grupo e tem como objetivos realizar e apoiar projetos de arte, cultura e educação, que atuem no resgate dos fazeres artísticos, culturais, no desenvolvimento sócio-econômico-cultural e da qualidade de vida dos diversos grupos sociais.

Nos últimos anos tem realizado eventos dedicados à infância e juventude, entre eles: programas, apresentações de espetáculos, leituras dramatizadas e intercâmbios com várias instituições como FUNARTE, Grupo Nós do Morro, Centro Cultural Cartola, Instituto de Educação, FAETEC, CBTIJ, Cooperativa Paulista de Teatro, Redemoinho, Cooperativa de Agentes Culturais – Cooperac, SESI, Oi Futuro, entre outros.

Realizou em 2005 o mais recente espetáculo do Grupo – *Os Diferentes*, de



Drummond e iniciou um projeto de leituras dramatizadas e musicadas de trechos da obra de Guimarães Rosa, em unidades do SESC - RJ, obtendo grande receptividade do público jovem. Em 2006 promoveu a turnê da peça *Os Diferentes* pelo interior paulista, interior fluminense e em Minas Gerais; além de realizar Seminário e novas leituras da obra Rosa no SESC RJ e apresentações gratuitas de *A Zeropéia* na Casa Hombu, para a comunidade local e projetos sociais. Em 2007 realizou a série de leituras *O Sertão é o Mundo*, em diversas unidades do SESC RJ e em escolas da Rede Oficial de Ensino Médio.

Está sob a direção de Beto Coimbra, Silvia Aderne, Ronaldo Mota, Mônica Behague, Cristiano Mota e Thelma Nascimento.



Bastidores



Ronaldo Mota, Leninha Pires e Beto Coimbra –
Ou Isto ou Aquilo, camarim dos 30 anos



Fala Palhaço – ensaio com
o elenco original no *Oi Futuro*



Casa da Madrinha – camarim – 1997



A Zeropêia – Casa Hombu – ano de 2006 – “Eu seguro
a minha mão na tua para que juntos possamos fazer...”



Estreia de Fala Palhaço no
Oi Futuro



Festa no camarim na remontagem
de Fala Palhaço 2007 – Arnaldo
Marques, Regina Linhares, Beto
Coimbra, Sérgio Fidalgo e Silvia.



Leninha coloca curativos no
cenário de *Ou Isto ou Aquilo*



Carlos Bernardo e Dudu Sandroni
na estreia de *Os Diferentes* – 2005



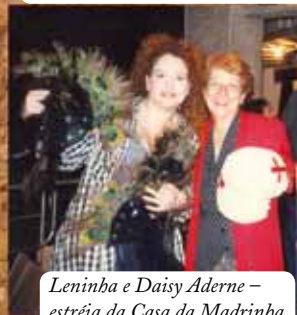
Em algum camarim improvisado no Nordeste, Thelma
Nascimento, Leandro Freixo e Emanuel Santos



Exposição de Elifas Andreatto, autor do cartaz da Casa da Madrinha: Beto, Raul, Isa Aderne, Silvia e Elifas.



Silvia recebe o Prêmio Coca-Cola de Melhor Atriz – 1995



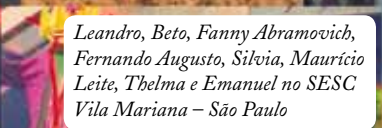
Thelma e Leandro – Comunidade Solidária – São Paulo



Marcos Souza e Silvia na estréia de A Zeropéia no Teatro do Jockey – 2004



Sérgio Brito na festa de despedida da Silvia, na partida para o Cirque du Soleil



Leandro, Beto, Fanny Abramovich, Fernando Augusto, Silvia, Maurício Leite, Thelma e Emanuel no SESC Vila Mariana – São Paulo



Leninha, Emanuel, Silvia, Beto e Arnaldo – Fala Palhaço



Karen Acioly e filha brincam com Silvia na Zeropéia



Fala Palhaço comparece ao último aniversário do saudoso Carequinha



Estréia de A Zeropéia no Oi Futuro – Festival 30 anos



Helena Jacobina, Silvia, Marina Quintanilha e Beto em animação



Estréia de Ou Isto ou Aquilo no Oi Futuro – Festival 30 anos



Estréia de Ou Isto ou Aquilo no Oi Futuro – Festival 30 anos



Elenco e diretor dos Diferentes no Dia Mundial do Teatro para a Infância e Juventude, no SESC Flamengo – 2006



Claudio Mendes, Marianna Mac Niven e Edmilson Santini



Estréia de Os Diferentes no Oi Futuro – Festival 30 anos



Laura Guimarães Rosa – atriz e tradutora



Ilo Krugli – autor, diretor teatral e fundador do Grupo de Teatro Vento Forte



Cecília Conde – arte-educadora e musicista



Joelson Paiva – gravando os depoimentos



Lucia Coelho – diretora teatral e fundadora do Grupo Navegando



Maria Helena Kubner – escritora, dramaturga e ensaísta



Bia Bedran – cantora, compositora, atriz e contadora de histórias



Ian Guest – compositor e educador



Flavia Ventura – pianista, compositora e diretora musical



Karen Acioly – atriz, autora e diretora teatral



Caique Botkay – compositor de música para teatro

Carlos Veiga – paisagista, ator, figurinista, cenógrafo e artista plástico



Jorginho de Carvalho – iluminador de teatro e professor da Uni-Rio



Márcia Frederico – atriz, fundadora da Cia de Teatro Medieval e Presidente do CBTIJ



Biza Vianna – figurinista



Carlos Augusto Nazareth – autor, diretor e crítico teatral



Amir Haddad – diretor teatral e fundador do Grupo Tá na Rua



David Tygel – compositor e diretor musical

Augusto Madeira



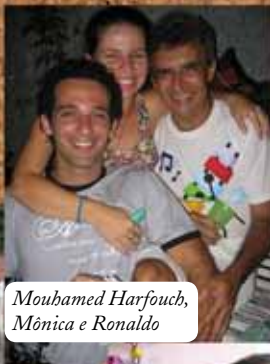
Daniele Ramalho e Andreia Behague no Oi Futuro



Gulu Monteiro



Moubamed Harfouch, Mônica e Ronaldo



Daniel Fernandes e sua sanfona



Letícia e Pedro Forjaz



Leninba, João Rudá, Ronaldo e Jorginho



Eduardo Salino, Beto, Ronaldo, Silvia, Thelma e Elza Moraes no Teatro Trianon, Campos – Ou Isto ou Aquilo



Jorginho e Beto – estréia Fala Palhaço – Oi Futuro



Leandro, Ian e Thelma – festa 21 anos Grupo Hombu no Museu do Telefone



O clã Aderne na despedida de Silvia



Irmãs sisters Aderne: Silvia, Isa, Daisy, Léa e Laís



Mônica Behague dando autógrafos em talão de cheques



Eveli Ficher na Casa da Madrinha



Andreia e Paulo Carneiro na Casa Hombu





Ney Matogrosso e Bia Bedran –
Cinco Pontas de uma Estrela



Silvia e Thelma – despedida Silvia

Silvia e Beto – coxia da Casa da Madrinha



Denise Stutz – ensaio A Zeropêia – 2006



Antonio Carrara e Thais no circo, em São Paulo



Beto Coimbra



Os Diferentes com amigos, em Mauá, SP



Thelma e Thais Tedesco –
Os Diferentes – São Paulo



Cláudio Mendes na Casa da Gávea



Camarim Os Diferentes, São Paulo



Cristiano Mota



Walkyria Alves e Ronaldo



Sérgio Silveira, Luis Carlos Ripper, Pedro Zorzetti e Valério – Casa da Madrinha



Tânia Dias na Casa Hombu



Emerson Boy e Thelma em São Paulo

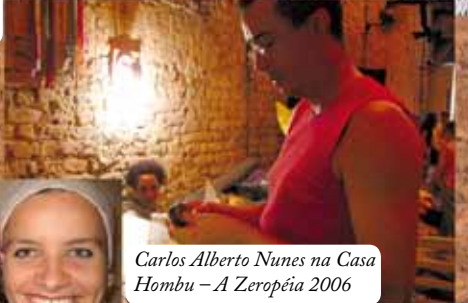


Casa da Madrinha – Marina, Ronaldo, Emanuel, Augusto Madeira, Heloisa Stockler e Silvia



Eliane Costa e Mônica – A Zeropéia

Andreia e Hélia Frazão na Zeropéia



Carlos Alberto Nunes na Casa Hombu – A Zeropéia 2006

Beto e Maria Helena Esteban na Casa Hombu



Amora Pêra e Isadora – Teatro do Jockey – A Zeropéia



Isadora Medella, Thelma e Isabel Penoni – A Zeropéia



Leninha faz careta



Cristiano Mota, Regina Gutman e Mônica na Casa Hombu – despedida Silvia



Roberto Wagner e Alvaro Souza na Casa Hombu



Leandro no Jockey – A Zeropéia – 2004



Ensaios dos Diferentes – Leninha, Thais, Pedro Rocha, Carlos Bernardo e Ronaldo



David Tygel, Anita e Flavia Ventura – ensaio vocal dos Diferentes



Os Diferentes – estiva em São Paulo I – a missão



“nosso circo”



Ensaio Fala Palhaço – Daisy e Beto – 2007



Estiva em São Paulo II – o retorno da missão



Ensaio vocal Ou Isto ou Aquilo – Ian Guest na Casa Hombu



Daniele, Mônica e Walkyria organizando figurinos da Zeropéia – 2007



Fábio Silveira e Bárbara Martins na Zeropéia 2004



Dudu dirigindo Os Diferentes



Final da turnê no Nordeste – voltando pra casa



Alvaro e seu laçarote



Mônica e Pedro depois da montagem de luz e cenário. UFA!



Ronaldo e nosso filósofo motorista Ricardo Furtado – no Rio



Nossa fiel motorista Lourdes – em São Paulo

Ripper, Silvia e Tânia vestindo o pavão



Beto, Roberto e Foguete na Casa Hombu





Onde está Silvoia?



A Zeropêia 2004 – crianças com elenco



Daisy e Isa nos preparos dos 30 anos



Silvoia e suas cem patinbas



Aurêlio de Simoni e Silvoia no Prêmio Coca-Cola



Pracinha principal da cidade acolhedora de São Manuel-SP



Esperando Isadora na porta do hospital – São Manuel



Os Diferentes na Copa do Mundo



Letícia Medella, Isadora e mama Eleonora



Folia nos Arcos



Os Diferentes em São Paulo



Hombu com crianças no "fim do mundo"



Velhinbas do Ou Isto ou Aquilo "tomam posse" da Academia Fluminense de Letras



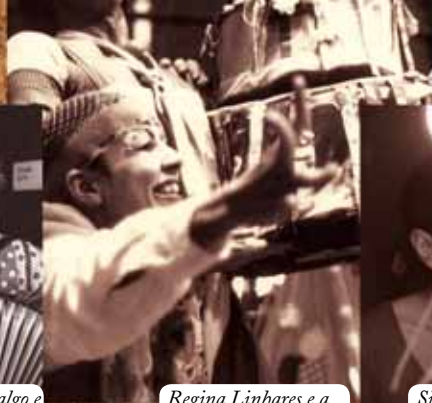
Zé Zuca e Hombu na Rádio Nacional



Tarcísio Ortiz e Beto conversam sobre o texto do Fala Palhaço



Sérgio Fidalgo e sua sanfona



Regina Linhares e a ciência de fazer bolo



Silvia e as luzes do camarim



Beto afinando a viola



Sérgio menino na casa da avó comendo pão de ló



Lucia Coelho e Pedro Dominguez de olho no "cachorro" de Silvia - Washington, D.C. - 1980



Hombu e Elke Maravilha na entrega do Mambembe



Hombu com Caique, Jorginho e Luis Fernando Battistella na montagem de Fala Palhaço - 1990



Hombu com a atriz convidada Cássia Kiss, no Teatro Ipanema.



Sdneck Hampl ensaiando Tarcísio no Ou Isto ou Aquilo



Pausa para o rango...



Criando Fala Palhaço



Aprendendo a fazer bolhas de sabão



Caique, Queca Vieira e Beto em Lenços e Ventos na ocupação do Teatro Cacilda Becker, 1990.



Ilo e seus lenços



Tarcísio sonhando o sonho onde as estórias são belas e não têm fim



De forma inesperada, este passarinho começou a cantar, perto de um violão na Casa Hombu, no exato momento em que líamos o trecho da carta do Tarcísio: "Um canto de liberdade que criou corpo em centenas de apresentações..."

.....
“A GAIOLA DE AVATSIU”

Criação, texto e direção: Grupo Hombu / Músicas e Direção Musical: Beto Coimbra e Sérgio Fidalgo / Figurinos e cartaz: Carlos Veiga / Preparação vocal: Glorinha Beuttenmuller / Adereços: Grupo Hombu / Desenho de Luz: Jorginho de Carvalho/ Produção e Realização: Grupo Hombu / Elencos: Sílvia Aderne, Regina Linhares, Beto Coimbra, Sérgio Fidalgo, Tarcísio Ortiz, Tânia Dias, Emmanuel Santos, Leninha Pires, Gulu Monteiro, Gedivan Albuquerque.

.....

“FALA PALHAÇO”

Criação, texto, cenário, figurinos e adereços: Grupo Hombu / Músicas: Beto Coimbra e Caique Botkay / Desenho de Luz: Jorginho de Carvalho e Pedro Forjaz / Cartaz: Carlos Veiga / Dir. de Produção: Mônica Behague / Prod. Executiva: Thelma Nascimento, Daniele Ramalho / Projeto de som: Isadora Medella / Cenotécnico e contra-regra: Álvaro Souza / Ass. Iluminação: Poliana Pinheiro / Ass. de produção: Andreia Behague / Realização: Instituto Cultural Hombu / Elenco com Arnaldo Marques substituindo Tarcísio Ortiz, elenco original se reencontra na comemoração dos 30 anos: Sílvia Aderne, Regina Linhares, Beto Coimbra, Sérgio Fidalgo, Arnaldo Marques / Elenco de outras montagens: Tarcísio Ortiz, Leninha Pires, Emmanuel Santos, Roberto Wagner, Helena Jacobina, Thelma Nascimento, Ronaldo Mota, Tânia Dias, Gulu Monteiro, Walkyria Alves, Caco Monteiro, Elza Moraes, Leandro Freixo.

.....

“OU ISTO OU AQUILO”

Poemas: Cecília Meireles / Adaptação: Grupo Hombu / Músicas: Beto Coimbra e Caique Botkay / Direção Musical: Ian Guest / Cenário e Figurino: Grupo Hombu e Carlos Veiga / Cartaz: Carlos Veiga / Desenho de Luz: Jorginho de Carvalho e Pedro Forjaz / Coreografia: Sdenek Hampl / Apoio Técnico de som: Isadora Medella / Cenotécnico: Álvaro Souza / Dir. de Produção: Mônica Behague / Prod. Executiva: Thelma Nascimento e Daniele Ramalho / Ass. Produção: Andreia Behague / Realização: Instituto Cultural Hombu / Elenco comemorativo dos 30 anos: Leninha Pires, Thelma Nascimento, Isadora Medella, Beto Coimbra, Ronaldo Mota / Elencos de outras montagens: Sílvia Aderne, Regina Linhares, Tarcísio Ortiz, Emmanuel Santos, Cássia Kiss, Helena Jacobina, Elza Moraes, Mário Hermeto, Tânia Dias, Gulu Monteiro, Pedro Rocha, Otávio Coutinho.

.....

“AS CINCO PONTAS DE UMA ESTRELA”

Direção: Grupo Hombu / Supervisão Cênica: Ney Matogrosso / Roteiro: Grupo Hombu e Caique Botkay / Músicas: Beto Coimbra, Caique Botkay, Ilo Krugli e Cecília Meireles / Dir. Musical e Arranjos: Ian Guest / Figurinos: Biza Vianna / Cenários e cartaz: Carlos Veiga / Desenho de luz: Jorginho de Carvalho / Coreografia: Vera Lúcia Lopes / Dir. de Produção: Beto Coimbra e Sílvia Aderne / Prod. Executiva: Heloísa Stockler, Luís Fernando Batistela e Sandra Kroef / Ass. de iluminação: P D Gusmão/ Realização: Grupo Hombu / Elenco: Bia Bedran, Suzie Thompson, Jonas Miquéias, Cláudia Travassos, Marko Ribeiro, Orlando Leal, Abelardo Lustosa / Músicos: Alejandro Oliva, Paulo Roberto Pugialli, Mario Ferraro, Guilherme Bedran, Paulo Mayall.

.....

“HISTÓRIAS DE LENÇOS E VENTOS”

Texto, Direção, Cenário e Figurinos: Ilo Krugli / Músicas: Beto Coimbra e Caique Botkay / Desenho de luz: Roberto Mello / Preparação corporal: Sílvia Heller / Dir. de Produção: Arnaldo Marques / Prod. Executiva: Sandra Kroef / Ass. Direção: Alice Reis / Ass. de Dir. Musical: Beto Coimbra / Ass. de Produção: Angela Reis/ Realização: Grupo Hombu / Elenco: Sílvia Aderne, Beto Coimbra, Ilo Krugli, Caique Botkay, Walkyria Alves, Arnaldo Marques, Sílvia Heller, Alice Reis, Gulu Monteiro / Músico convidado: Queca Vieira.

.....

“A COMÉDIA DO CORAÇÃO”

Texto: Paulo Gonçalves / Direção: Amir Haddah / Música: Beto Coimbra / Desenho de luz: Jorginho de Carvalho / Cenário: Sérgio Fidalgo e Carlos Veiga / Realização: Grupo Hombu / Elenco: Sílvia Aderne,

Regina Linhares, Sérgio Fidalgo, Tarcísio Ortiz, Angela de Castro, Fernanda Caetano, Ivanir Calado.

.....

“A CASA DA MADRINHA”

Texto: Lygia Bojunga / Adaptação: Eloy Araújo / Direção, cenário e figurinos: Luís Carlos Ripper / Música e direção musical: Beto Coimbra e Ronaldo Mota / Supervisão musical e arranjos: Ian Guest / Desenho de luz: Luís Carlos Ripper e Mauricio Senna / Coreografia e preparação corporal: Felisa Carvalho / Coord. Cenografia e bonecos: Sérgio Silveira / Cartaz: Elias Andreatto / Produção: Eveli Ficher e Beto Coimbra / Prod. Executiva e Dir. de Produção: Eveli Ficher / Ass. de Direção: Pedro Zorzetti / Ass. de Dir. Musical: Leandro Freixo / Ass. de Cenografia: Valério Rodrigues / Realização: Grupo Hombu / Elencos: Sílvia Aderne, Augusto Madeira, Alexandre David, Ronaldo Mota, Leninha Pires, Elza Moraes, Leandro Freixo, Gulu Monteiro, Helena Jacobina, Thelma Nascimento, Leandro Andrade, Marcelo Guterres, Antônio Terra.

.....

“A ZEROPÉIA”

Inspirado em “A Zeropéia” de Herbert de Souza (Betinho) e “Príncipe Feliz” de Oscar Wilde / Adaptação, Direção e Cenografia: Ilo Krugli / Supervisão montagem 30 anos: Cláudio Mendes / Músicas: Ronaldo Mota, Beto Coimbra e Cristiano Mota / Dir. Musical: Ronaldo Mota / Arranjos Vocais: Ian Guest / Figurinos e colcha: Biza Vianna / Desenho de luz: Jorginho de Carvalho e Pedro Forjaz / Cartaz: Alexander Geífman e Ilana Braia / Chapéus e adereços catira: Thelma Nascimento / Adereços dos bichos: Bárbara Martins / Cenotécnico e Contraregra: Álvaro Souza / Projeto de Som: Isadora Medella / Dir. Produção: Mônica Behague / Prod. Executiva: Thelma Nascimento, Daniele Ramalho / Ass. de Iluminação: Poliana Pinheiro / Cavalo e adereços de arame: Fábio Silveira / Ass. de figurinos: Cleide Barcellos / Execução de figurinos: Rubens Barbot, Gatto Larsen e Adélia / Ass. de Produção: Andreia Behague / Realização: Instituto Cultural Hombu / Elenco comemorativo dos 30 anos: Walkyria Alves, Thelma Nascimento, Ronaldo Mota, Isadora Medella, Mouhamed Harfouch, Roberto Wagner, Isabel Penoni, Daniel Fernandes / Elenco de outras montagens: Sílvia Aderne, Leandro Freixo, Amora Pêra, Eliane Costa, Cláudio Mendes, Pedro Rocha, Laura Aderne.

.....

“OS DIFERENTES”

Texto: Carlos Drummond de Andrade / Adaptação: Grupo Hombu / Diretor convidados: Dudu Sandroni / Música: Ronaldo Mota, Beto Coimbra, Cristiano Mota / Dir. Musical e arranjos: David Tygel / Ass. Direção: Augusto Madeira / Cenário e figurinos: Carlos Alberto Nunes / Confecção de figurinos: Suely Gerhardt / Desenho de luz: Jorginho de Carvalho e Pedro Forjaz / Cartaz: Ilana Braia e Bruno Maron / Projeto de som: Isadora Medella / Dir. de Produção: Mônica Behague / Prod. Executiva: Thelma Nascimento e Daniele Ramalho / Ass. de Dir. Musical: Flávia Ventura / Ass. de Cenografia: Álvaro Souza / Ass. de Figurinos: Thelma Nascimento, Glória Mendes e Marcia Neher / Ass. de Produção: Andreia Behague / Realização: Instituto Cultural Hombu / Elenco comemorativo dos 30 anos: Ronaldo Mota, Leninha Pires, Carlos Bernardo, Thais Tedesco, Mouhamed Harfouch / Elencos de outras montagens: Pedro Rocha, Thelma Nascimento, Letícia Medella, Emerson Boy, Isadora Medella.

.....





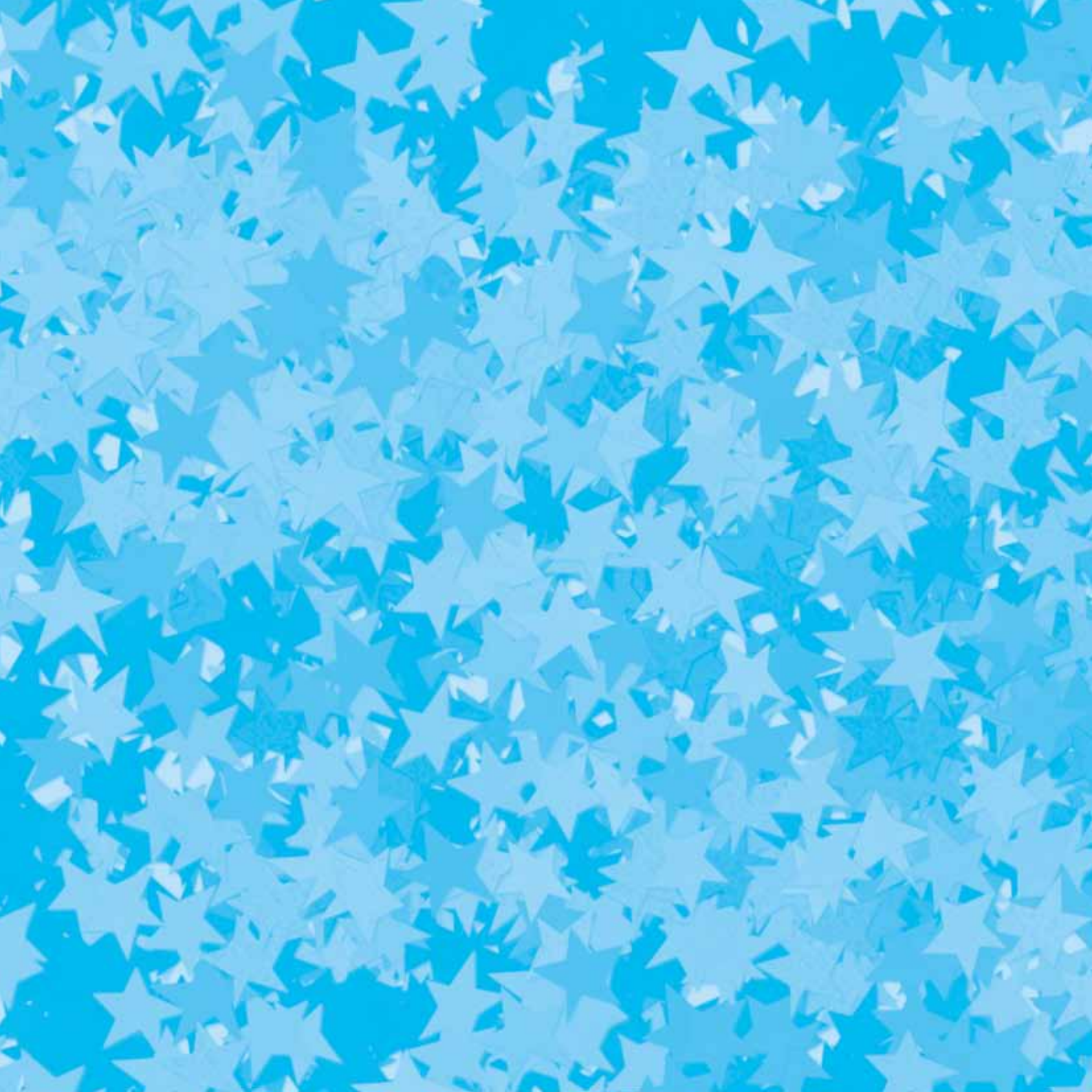
tel: 21.2568.0085

fax: 21.2284.7673

grupohombu@terra.com.br

<http://grupohombu.blog.terra.com.br/>

Este livro, produzido pelo Instituto Cultural Hombu e desenhado pelo Ato Gráfico, foi impresso na primavera de 2007, nas oficinas gráficas da Grafitto Gráfica e Editora, sobre papel Couchê Liso LD 150 g/m². As tipografias utilizadas foram ACaslon Regular (para o texto) e Vag Rounded Bold (para os títulos).







*"O **Hombu**, com seu teatro artesanal
apoiado
na poesia,
na música,
na literatura,
na iluminação,
no jeito-criança-de-fazer-arte,
tem a esperança de que as muitas idades
que se (co)movem com seu trabalho
reguem a semente que existe
em cada **criança** que nasce."*

patrocínio



SECRETARIA DE ESTADO
DE CULTURA

Lei de
Incentivo
à Cultura



realização

